

EXTRA, EXTRA: LULA DIZ QUE
UNS 300 DEPUTADOS SÃO PICARETAS
E INOCÊNCIO QUER AÇÃO CONTRA
ELE!



FLEURY REVOLUCIONA
A EDUCAÇÃO. AGORA SÃO
OS PROFESSORES
QUE LEVAM BOMBA!



BRASIL AGORA

ANO II Nº 47

20 DE SETEMBRO A 3 DE OUTUBRO DE 1993

CR\$ 145,00

LUCIANA WHITAKER/FI



VIOLÊNCIA

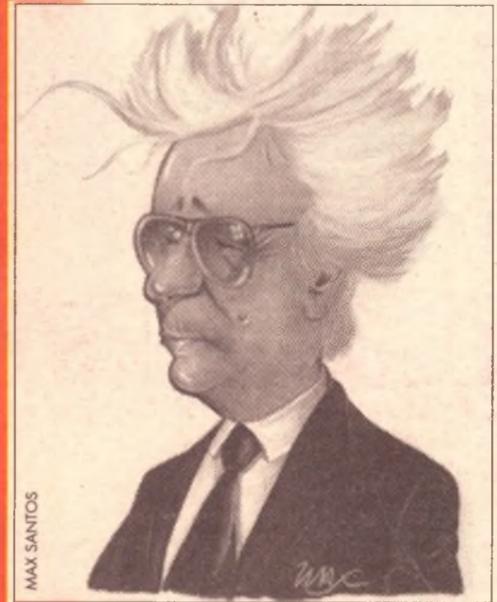
*As chacinas do Rio
provocaram algumas
prisões, mas têm poucas
chances de serem
apuradas até o fim.*

PÁGINA 4

DOLARIZAÇÃO

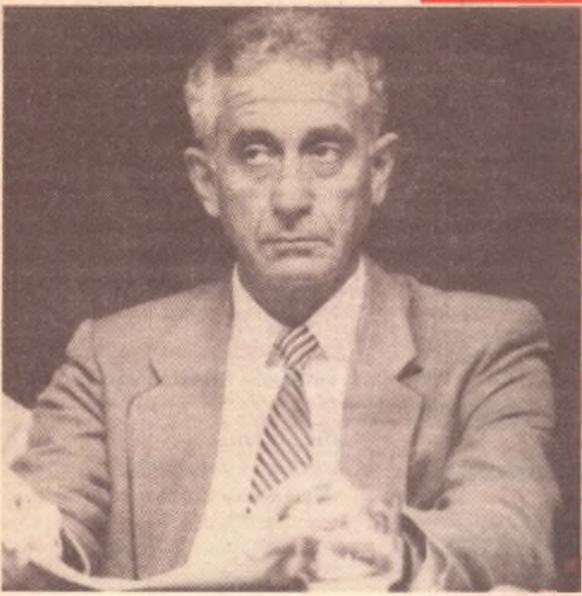
*O governo quer fazer
uma dolarização à
brasileira. Os pobres ficam
com cruzeiros reais e os
ricos com o dólar.*

PÁGINA 5



MAX SANTOS

LUCIANA WHITAKER/FI



MILITARES

*Um brigadeiro quer
ser presidente
da República.*

PÁGINAS 6 E 7

CHILE

*O golpe implantou a
ditadura de Pinochet faz
20 anos. E aqui tem gente
que comemora.*

PÁGINAS 14 E 15



HAJA PACIÊNCIA!



DIÁLOGO

MEGALOMANIA

A superestrada São Paulo-Buenos Aires é mais uma obra megalomaniaca, mais uma forma de concentrar renda em dois grandes centros financeiros.

A preocupação é que o Mercosul se torne apenas a integração de grandes empresas e que esta proposta de eixo rodoviário não amplie as ligações entre os integrantes, ficando no desvio o produtivo, o interior do sul brasileiro e a mesopotâmia platina.

A fantástica cifra anunciada para a triplicação do eixo São Paulo-Buenos Aires é de U\$ 2 a 5 bilhões e será desviada da educação, saúde e agricultura, sendo que esta depende da elevação de sua produtividade para competir com a agropecuária argentina.

Isto sem falar na prodigiosa rede fluvial que possuímos. Seu enorme potencial deveria ser aproveitado.

TRAJANO GARCIA
Itati, PR

O GATO COMEU

Fiquei pê da vida, como já disse, com a posição do 8º Encontro Nacional do PT. O PT esnobou o PDT e opta pelos tucanos (PSDB), que são as luas pretas do PMDB ontem. Não dá para digerir isto. Só existe uma explicação: ignorância e preconceito.

Sou parlamentarista republicano, pois milito pela abertura política desde os 14 anos. Mas sou obrigado a reconhecer que o governador fluminense foi o único que mostrou a sua cara e não escondeu o leite durante a campanha do plebiscito. Onde estava o PT? Penso que o gato comeu a língua do partido. Nós eleitores vamos cobrar esta omissão oportunista.

Porém, justiça seja feita: na campanha do impeachment foi o PDT que colocou o galho dentro.

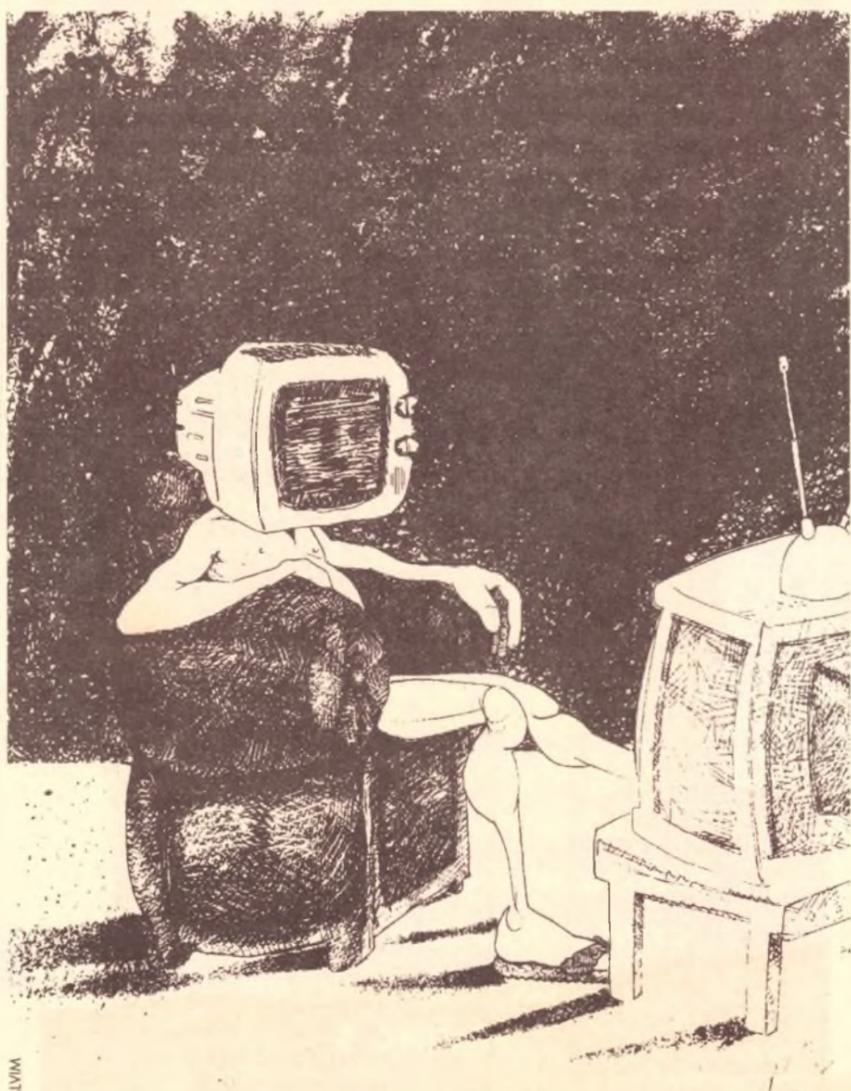
Massacre de índios, de crianças e presidiários. O Brasil balança, balança, mas não cai. Ao menos por enquanto.

FERNANDO COSTA DE PAULA
Petrópolis, RJ

SOLIDARIEDADE

Há quem atribua o caráter assistencialista a lideranças do Mo-

BRASIL AGORA FAZ DOIS ANOS. APESAR DO GOVERNO. APESAR DA INFLAÇÃO,...



BRASIL AGORA

DIRETOR: MARCUS SOROKO EDITOR: JOSÉ AMÉRICO DIAS
 EDITOR DE ARTES: CACO BISPO REDAÇÃO: ANTONIO MARTINS, FLÁVIO AGUIAR, HAMILTON CARDOSO, MOLIZAR BENEDITO, VALTER POMAR SECRETÁRIA: ADÉLIA CHAGAS
 SUCURSAL RIO GRANDE DO SUL: LUCIANE FAGUNDES, JOSÉ LUIZ LIMA E MARCO ANTONIO SCHUSTER DISTRIBUIÇÃO: DENISE ROCHA, CORRESPONDENTE: CELSO CRUZ EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: FÁBIO CIAMBRA, JOTA MARANHÃO E SÍLVIA ROMEO PRODUÇÃO GRÁFICA: FÁBIO CIAMBRA COLABORADORES: ALAN RODRIGUES, AIRIO FERRE, ALOISIO MORAIS, ANDRÉ SINGER, ANTONIO CARLOS FON, ANTONIO CARLOS DE QUEIROZ, CLOVIS CASTRO, BERNARDO KUCINSKI, BENO ATAMAN, CARLOS E. CARVALHO, CÉSIO HORTA, CELLS, CINTIA CAMPOS, CLAUDIO SCHUSTER, DENISE NEUMANN, EDMILSON DE SOUZA, EMIL SADEI, EUGÊNIO BUCCI, FERNANDA ESTIMA, FERNANDO PAIVA, FUMARION MALLÉS, FLÁVIA DE SAMPAIO LEITE, FLÁVIO LOUREIRO, FLÁVIO PACHALSKI, GENARO LISBO, HELIO SILVA, HUGO SCOTTE, IVAN SEIXAS, ISAAC ARCEBUJO, JOÃO ANTONIO, JOSÉ ROCHA, JUAN PEZZUTTO, JUIAREZ GUIMARÃES, JUSTINO PEREIRA, KIPPER, LINETE MARTINS, LUSCAR, MANOEL ALVAREZ, MÁRCIA BRAGA, MÁRCIA MOREIRA, MÁRCIO BUENO, MÁRCIO VENCIGUERRA, MARCO AURÉLIO GARCIA, MARCOS SOARES, MARIA LÚCIA BRANDÃO, MARIO AUGUSTO JAKOBSON, MARINGONI, MARISA MEHANI, MARIA DIAS COSTA, MIADARA, MILTON FOGG, NELSON RIOS, NEMÁRIO MIRANDA, NORMA SUELI O. RIOS, NORA NARCHI, OHI, PATO, PATRÍCIA CORNÉIS, PAULO BARROSA, PAULO ROBERTO FERREIRA, PAULO ZILBERMANN, PEDRO ORTIZ, PERSEU ARRABO, RAUMLINDO PEREIRA, ROGÉRIO SOTTU, RUI FALCÃO, SÉRGIO CANOYA, SÉRGIO SISTE, WALTER CINO, VLADIMIR POMARAS A OPINIÃO DOS ARTICULISTAS NÃO REPRESENTA NECESSARIAMENTE A LINHA EDITORIAL DO JORNAL

BRASIL AGORA É UMA PUBLICAÇÃO QUINZENAL DA EDITORA BRASIL AGORA LTDA - AVANHA GATE, 1049 - CEP 01215-5 SÃO PAULO/SP FONES: 222 6318/222 4326/220 7718 FAX: (011) 222 2865 ADMINISTRAÇÃO: Mª AÍCE DE P. SANTOS ASSISTENTE: IVANILDA AÍVES DEPARTAMENTO DE CIRCULAÇÃO: JOSÉ LUIS NADAI, ANA MARIA AÍVES [ASSINATURAS], GUILBERTO GENESTRA [BANCO DE DADOS] ASSINATURAS RIO DE JANEIRO: ANA CLÁUDIA F. GONÇALVES (021) 242 0793, FORTALEZA: JOSÉ VITAL (085) 252 1992, PORTO ALGORE: MOISÉS RAFAEL (051) 221 7733, BELÉM: JOSÉ MARIA R. DE SOUZA FILHO (091) 224 8579, BELO HORIZONTE: ANTONIO BORGES (CERQUEJA) (031) 222 3735, FLORIANÓPOLIS: PAULO EDUARDO SOUZA, ELIZABETH A. BERNARDO (0482) 23 5907 EXPEDIÇÃO: JOÃO A. GUEVARA SERVIÇOS GERAIS: ELISABETH M. FERREIRA, FERNANDO S. SOUZEIRA, LUCILENE B. SILVA, MARCELO L. C. PONTES IMPRESSÃO: DIÁRIO DE MOGÍ DISTRIBUIÇÃO: DINAF S/A TRAJEM DESTA EDIÇÃO: 35 000 EXEMPLARES FORAM IMPRESSOS NO DIA 15 DE SETEMBRO DE 1993 JORNALISTA RESPONSÁVEL: JOSÉ AMÉRICO DIAS

O "Comitê de Ação da Cidadania contra a miséria, pela vida" de São José dos Campos, arrecadou quase 40 toneladas de alimentos em um único dia. Foi no último sábado, dia 11 de setembro. A comida foi coletada em todas as ruas da cidade por um grupo de 2 mil voluntários, com o apoio de 50 veículos. Eles realizaram uma verdadeira "Operação de guerra", motivada apenas pelo propósito de resgatar a cidadania e a dignidade humana no município.

PREFEITURA DE S. J. DOS CAMPOS.

vimento contra a Miséria e a Fome. O vocábulo tem a conotação negativa de ajuda irresponsável, tendendo a um resultado final pior do que se a ajuda não existisse.

Em sociedade, a solidariedade é um direito, decorrente do reconhecimento do direito à vida, e também um dever - individual, social, moral e jurídico. "A assistência social será prestada a quem dela necessitar" (Art. 203 da Constituição Federal).

Não são os serviços prestados ou postos à disposição do cidadão pelo Estado, além de um direito, também formas de assistência social? Ou é assistencialismo o que a sociedade cobra, quando exige providências do poder público a favor dos indigentes, das crianças de rua, ou pede segurança ou prestação de segurança ou de qualquer outro serviço para o cidadão em geral? É da natureza da sociedade e do Estado o caráter assistencial - a assistência libertadora, mobilizadora e participativa. O que não é da natureza dessas instituições é o assistencialismo, o paternalismo, que é uma atitude equivocada, desmobilizadora e opressiva.

NELSI LOPES
Poá, SP

FLEURY E ACM

Passando por São Paulo, conheci o jornal Brasil Agora. Achei interessante a matéria sobre o governo Fleury. Por que vocês não vendem o jornal também na Bahia (se é que vendem, onde?) Igual ao Fleury aí, tem o ACM aqui, com uma quilometragem muito maior: ele está na política há mais tempo, ficou rico durante o regime militar e, se não tem um Carandiru com 111 mortos para pôr no currículo, tem uma história de repressão aos trabalhadores não menos violenta.

Antônio Carlos Magalhães consegue algo que talvez o Fleury não consiga: a intelectualidade baiana, incluindo grande parte da esquerda, convive bem com ele, finge ignorar sua truculência, parece até meio puxa-saco dele. Aí inclui-se também o ex-comunista Jorge Amado.

JOSÉ SEVERINO S. R. ARAGÃO
Salvador, BA

I ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE A PROTEÇÃO JURÍDICA DA FAMÍLIA E DO MENOR

DIAS 9 A 12 DE NOVEMBRO
NO PALÁCIO DE LAS CONVENCIONES - LA HABANA - CUBA
ORGANIZAÇÃO: FISCALIA GERAL DA REPÚBLICA DE CUBA

LAC VIAGENS E TURISMO
RUA SETE DE ABRIL, 97 - 8º ANDAR - CONJ B
FONES (011) 35-8389/36-2021/34-6817/34-0920
FAX (011) 37-2982
MAIORES INFORMAÇÕES COM ANA MARIA

JURASSIC PARTY

UMA AVENTURA QUE LEVOU 13 ANOS PARA SER REALIZADA



ASSINE LINHA DIRETA

Assinatura semestral (24 edições) CR\$ 970,00
 Assinatura anual CR\$ 1.850,00
 Assinatura de apoio CR\$ 2.200,00
 Basta enviar ao PT/SP cheque nominal ao Linha Direta
 Rua Conselheiro Nébias, 1052 CEP 01203-002
 Fone (011) 223.7999

NOME _____
 ENDEREÇO _____
 CIDADE _____
 FONE _____ UF _____ CEP _____

O conto da revisão

A grande questão do momento é impedir o golpe da revisão constitucional. Muitas pessoas neste país não estão entendendo o que está em jogo e como será a revisão.

Na revisão, todos os artigos da Constituição poderão ser alterados por apenas 50% mais um dos deputados, numa única sessão. Fora do processo de revisão, para se mudar uma alínea sequer, será preciso o voto de três quintos dos deputados em dois turnos de votação, além da necessária aprovação no Senado. Portanto, quem tem

motivos para mudar a Constituição jogará pesado para instalar o processo de revisão. A quem interessa a revisão agora? Obviamente ela não é de interesse das forças populares e democráticas, uma vez que espera-se melhorar a corre-

ção política e ideológica do Congresso Nacional após as eleições de 94. Para quem almeja mudanças profundas na sociedade brasileira, será fundamental que a revisão ocorra num Congresso eleito claramente para esta finalidade.

A revisão agora é de interesse principalmente das forças conservadoras, que articulam dois objetivos: amarrar desde já um possível governo de esquerda que venha surgir das eleições do ano que vem e remover da Constituição todos os empecilhos à aplicação da proposta econômica e social neoliberal. Os neoliberais querem mexer prioritariamente na regulamentação das atividades econômicas e nos chamados direitos sociais; além disso, pretendem implantar a demissão desmotivada no serviço público. Travestidos de modernos e clamando pela eficiência do mercado, os neoliberais articulam vergonhosamente poderosos interesses privados: querem igualar o tratamento e os benefícios para as empresas nacionais e estrangeiras, querem eliminar o monopólio estatal dos setores estratégicos de telecomunicações, energia e petróleo, querem retirar todos os artigos que impeçam a exploração do subsolo dos territórios indígenas, querem acabar com a aposentadoria por tempo de serviço, substituindo-a pela aposentadoria por idade, entre outros ataques.

O mais grave é que as mudanças pretendidas pelos neoliberais brasileiros são sustentadas como necessárias à inserção do Brasil no novo contexto mundial. Alguns desavisados caem como cordeiros no covil dos lobos. Para o Brasil se colocar de maneira autônoma e autodeterminada na economia mundial, será preciso defender no mínimo duas idéias: o papel vital do Estado para conter a miserabilidade cres-

cente e a insubstituível intervenção econômica estratégica do Estado para planejar o desenvolvimento econômico e social.

Ao contrário do que vocifera o funcionário das multi, deputado Roberto Campos, o primeiro mundo não trata igualmente empresas nacionais e estrangeiras, os sete países ricos não deixam de levantar barreiras a determinados produtos importados, os países europeus não deixaram de constituir empresas estatais para atuar em setores de estratégicos da econo-

mia, exatamente onde a concorrência de mercado seria destruidora para suas empresas, nem os bancos estrangeiros têm plena liberdade de atuação em território norte-americano. Entretanto, a grande diferença mes-

mo é que aqui nossas elites não têm um projeto nacional onde elas se insiram e procurem liderar. Roberto Campos é um "boy" de interesses privados de grandes grupos nacionais e estrangeiros para os quais o seu sucesso econômico é o único objetivo.

Na verdade, para o novo jogo econômico mundial nunca foi tão preciso a intervenção estatal, nunca foi tão necessária a formulação de estratégias nacionais. O mundo está se unindo em blocos econômicos. Isto principalmente porque quem tiver acesso ao maior mercado ditará as regras da economia mundial, quem não preparar sua sociedade e sua economia pode ficar fora por umas boas décadas da possibilidade de desenvolvimento. Nesse quadro, o que propõem os ideólogos neoliberais? Fazer uma revisão constitucional que desarma nossa sociedade para enfrentar a disputa econômica mundial.

Enquanto os europeus, japoneses e americanos traçam suas estratégias mundiais, os neoliberais brasileiros e seus políticos de plantão discutem como cada um vai ganhar mais. Nenhum deles está pensando como preparar nossa sociedade para a nova ordem mundial e qual o papel do Estado nessa preparação. Isto não farão mesmo, o que aumenta as responsabilidades do PT e das forças democráticas e populares.

Não podemos permitir que as elites nacionais, com seu primário pragmatismo, logrem impor uma revisão constitucional na contramão da história. Rever a Constituição só é aceitável no bojo de um projeto e de uma estratégia globais, o que só poderá ocorrer pela via democrática após as eleições presidenciais e proporcionais de 1994.

ODILON GUEDES é economista e vereador do PT/SP

O que os neoliberais querem fazer com a Constituição é prejudicial aos trabalhadores e à economia brasileira



Gato por lebre

Pesquisa realizada pelo DIAP (Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar) revelou que 57% dos congressistas são favoráveis à introdução do voto distrital misto, no qual parte dos deputados são escolhidos pelo procedimento majoritário - cada partido apresenta um candidato por distrito e apenas o mais votado é eleito - e a outra, pela regra proporcional.

Inquietante é o fato deste sistema ter despertado a simpatia de alguns petistas, em nome da expectativa presumível de que possa permitir uma maior aproximação entre eleitor e representante. O que pode ser verdade para aqueles 30 a 40% de eleitores que tiverem a felicidade (em alguns casos melhor seria dizer infelicidade) de escolher o candidato vencedor. Para os demais, uma banana. Na última eleição inglesa, isto significou a exclusão de 47% dos eleitores de qualquer representação no Parlamento. Este sistema pune especialmente candidaturas de esquerda ou ligadas a movimentos sociais, que possuem, via de regra, uma votação dispersa, raramente majoritária em uma região geográfica. Basta pensar o seguinte: em quais regiões do Estado o PT teria condições de fazer o candidato distrital mais votado?

A eleição majoritária beneficia políticos tradicionais, que fazem da atividade parlamentar uma prestação de serviços e favores para sua clientela, tornando-se indiferentes a tudo que ultrapasse os marcos limítrofes de seu

distrito. Enquanto o sistema proporcional representa opiniões existentes na sociedade e traduzidas pelos partidos, o voto distrital tem raízes na prática medieval da representação de potentados locais. Seu perfil paroquial e conservador reduz a sensibilidade do Legislativo face a projetos nacionais e de interesse popular.

Os defensores deste sistema costumam afirmar que a eleição da outra parte de deputados pelo método proporcional - como no modelo alemão - poderia corrigir estes defeitos. Isto não é

verdade: as cadeiras obtidas na eleição distrital não estão submetidas ao corretivo proporcional. Assim, mesmo tendo obtido um resultado medíocre em sua lista, partidos como o PMDB, PFL ou PPR podem assegurar número expressivo de vagas, vencendo apenas nos distritos.

Mas a coisa pode ser ainda mais grave. Nenhum dos oito projetos de voto distrital misto que estão tramitando no Congresso corresponde ao modelo alemão. Aliás, todos são muito piores que ele para a democracia. Alguns propõem apenas um voto para o eleitor, o que atrela completamente a eleição à dinâmica distrital, havendo um que chega a sugerir somente 1/10 de vagas proporcionais.

* ADELI SELL é secretário-geral do PT/RS
** ANDRÉ MARENCO é cientista político, professor da UFRGS

O voto distrital beneficia políticos tradicionais e faz da atividade parlamentar uma prestação de favores

TROPICALIA 3

canis et
Circensis

**BRASIL
AGORA
COMEMORA
2 ANOS**

DIA 24 DE SETEMBRO, 6ª FEIRA,
A PARTIR DAS 22 H,
NO SINDICATO DOS ARQUITETOS,
RUA MAUÁ, 836 - CASA 14
VILA DOS INGLESES
(PRÓXIMO AO METRÔ DA LUZ)



QUAL É A SUA, ITAMAR?

A crise econômica brasileira continua sem perspectiva de solução. A inflação ameaça alcançar a barreira dos 40% no mês de setembro e o brioso ministro da Fazenda, Fernando Henrique, continua repetindo feito papagaio que o negócio é cortar os gastos públicos e privatizar estatais. Aliás, por falar em privatização, a política do governo não mudou nem um pouquinho. Depois do escândalo da privatização da CSN, denunciado pela imprensa, o governo viu-se novamente encurrulado, por denúncias que envolveram a venda da Cosipa e da Usiminas (formação de monopólio privado pelo grupo Bozano-Simonsen). O problema, contudo, vai além disso. Por trás do que anda falando Fernando Henrique

tem coisa muito pior. Por exemplo, a idéia de promover algum tipo de dolarização da economia brasileira, uma política suicida, que pode levar a uma concentração ainda maior da renda nacional e aumentar a pobreza.

Em meio a tudo isso, o PMDB, o principal sustentáculo do governo ao lado do PSDB, ameaça abandonar o barco na reunião de seu Conselho Nacional, prevista para o dia 21 de setembro. O PMDB quer maior participação nas decisões do governo. Entenda-se, mais cargos. É a disputa fisiológica - não o debate de saídas para o país - que mais uma vez dá o tom político do governo Itamar na relação com seus aliados.

O EDITOR

Impunidade anunciada

As leis que protegem a PM e a conivência das elites conspiram para garantir que os matadores de favelados não sejam punidos.

Três semanas depois de consumado o massacre de moradores da favela de Vigário Geral, as investigações conduzidas pela PM, pela Procuradoria do Estado e pela própria Comissão de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana do Ministério da Justiça pareciam conduzir a um paradoxo revelador. Setores importantes da polícia estavam sinceramente empenhados no caso, e mostravam serviço. Pelo menos duas dezenas de suspeitos estavam presos, e haviam surgido indícios e provas concretas da existência de esquadrões da morte. Nada indicava, no entanto, que os matadores estivessem apavorados. Em seu favor eles contavam com a tradição de impunidade da PM, as leis que protegem a corporação e - talvez mais importante do que tudo - o mal disfarçado descaço das elites em relação a um fenômeno que, afinal de contas, vitima essencialmente os pobres.

Os primeiros sinais de que havia setores da polícia interessados nas investigações surgiram no dia 1º de setembro, quando o serviço secreto da PM (a P-2) divulgou um relatório bombástico. Ao contrário do que haviam insistido em alegar até então vários comandantes da corporação, o documento era taxativo. Não havia dúvidas de que a chacina de Vigário Geral havia sido cometida por policiais - não por traficantes. Como se não bastasse, acrescentava o relatório, o próprio assassinato de quatro PMs na Praça Catolé do

Rocha, que antecedeu o massacre, havia sido praticado por colegas que comboiavam um carregamento de drogas e foram descobertos.

MAIS PRISÕES. Nos dias que se seguiram, e sempre com base em informações anônimas de parentes e vizinhos das vítimas, cerca de 25 policiais militares foram presos por decisão administrativa da PM. Por determinação de dois procuradores - Mandelsohn Pereira e Vicente Arruda Filho - a Divisão de Defesa da Vida da polícia desfechou a partir do dia 10 uma série de operações de busca que resultou em mais prisões, e na apreensão nas casas dos detidos de cerca de vinte armas de grosso calibre e de inúmeros capuzes iguais aos dos matadores.

A descoberta mais reveladora, porém, ocorreu no dia 8. O procurador-geral da Justiça do Rio, Geraldo Biscaia, declarou publicamente que uma agenda encontrada na casa de um dos PMs suspeitos, Eduardo Creazola, era um indício sério da existência no interior da corporação de um grupo paramilitar de extermínio. Havia sinais, dizia o procurador, de que "dezenas de homens", entre eles policiais civis militares e informantes (os "X-9"), praticavam assassinatos em favelas, mediante pagamento de comerciantes.

PISTOLAGEM. Os grupos cujos integrantes eram conhecidos como "Cavalos Corredores" estavam provavelmente por trás tanto dos massacres de Vi-



LUCIANA WHITAKER/FOLHA IMAGEM

A polícia mata. E caça os criminosos.

gário Geral e da Candelária quanto do de Acari, que vitimou 11 favelados em 1991.

A prisão de suspeitos, e a revelação dos mecanismos através dos quais parte da Polícia Militar transforma-se numa verdadeira agência de pistolagem, não parecia ser no entanto capaz nem de assegurar a punição dos culpados, nem de eliminar os vínculos entre a polícia e o extermínio de pobres. Contava a favor dos implicados em primeiro lugar a legislação, que concede aos PMs o privilégio de serem julgados por seus próprios pares, em auditorias e tribunais militares. A longa história desses julgamentos tem sido, desde que a ditadura de 1964 instituiu o benefício aos policiais, uma sucessão de impunidades.

Favorecia os assassinos, em segundo lugar, o fato de conhecerem o conjunto de artimanhas através do qual é fácil driblar a lei. Por terem se

encapuzado, e graças ao clima de terror que instauraram entre as favelas, os matadores dificilmente serão reconhecidos. A prisão administrativa de algumas dezenas, adotada quando a pressão dos setores democráticos da sociedade é mais intensa, pode estender-se por apenas 30 dias. E até o dia 14, quando fechávamos esta edição, nenhum juiz havia se prontificado a decretar a prisão preventiva dos suspeitos, inclusive porque não havia "provas individuais" contra eles.

Nada, porém, parece concorrer tanto para garantir impunidade aos criminosos que a omissão e a conivência das elites, manifestadas especialmente no Executivo, no Congresso Nacional e na imprensa. Quinze dias depois de executados 21 moradores do Rio de Janeiro, por membros de uma corporação mantida pelo estado supostamente para protegê-los, o Palácio do Pla-

nalto não havia tomado uma única providência legislativa para impedir a repetição de episódios semelhantes. As atenções do governo se voltavam para a preparação de um plano de "estabilização" econômica e para as negociações com partidos capazes de garantir seu sucesso.

GAMBÁ CRU. No Congresso Nacional, as lideranças conservadoras acertavam-se para tentar dar início a uma revisão constitucional destinada a arrancar mais direitos dos trabalhadores. Continuava a tramitar lentamente no Senado um projeto de deputado Hélio Bicudo (PT-SP), que punha fim ao julgamento de PMs por seus pares, e à impunidade. Superado o choque e o escândalo inicial, também a imprensa abandonou pouco a pouco o caso.

Um sinal evidente da conivência foi a repercussão escassa que alcançou a denúncia feita pelo vereador portolegrense José Gomes (PT), vice-presidente da Associação de Cabos e Soldados da PM. Ainda no dia 1º, ele exibiu um vídeo que recebeu através de carta anônima, e que revelava cenas do treinamento animalístico e brutal a que são submetidos os policiais gaúchos. Entre outras humilhações, mostra o documento, os soldados são obrigados a comer gambá cru, e beber sangue de galinha ainda vivas, enquanto os comandantes gritam: "É sangue, bebe que é bom!". Em outros momentos, exigem que os subordinados latam como cães, subam em árvores e gritem que são galinhas, enfiem a cabeça em buracos, e passem por túneis onde foram lançadas bombas de gás lacrimogênico.

"O treinamento animaliza o soldado, que depois atua nas cidades vendo o civil como inimigo", frisou José Gomes. Nenhuma providência se adotou, no entanto, nem para punir os comandantes, nem para pôr fim a tal tipo de adestramento. Numa sociedade cada vez mais marcada pela desigualdade, as elites fazem vistas grossas à bestialização de sua polícia.

ANTONIO MARTINS

Durante 86 dias, Wladimir Pomar percorreu um trajeto que vai da Alemanha reunificada a Albânia - passando pela Polônia, Checo e Eslováquia, Hungria, Iugoslávia, Bulgária, Romênia e União Soviética.



WLADIMIR POMAR
RASGANDO
A CORTINA

RASGANDO A CORTINA

discute a experiência do socialismo
construído nos países do Leste
Europeu, numa tentativa de
compreender as razões do seu fracasso.

VENDA DIRETA DO AUTOR PARA O LEITOR, COM DESCONTO SOBRE O PREÇO DAS LIVRARIAS: CADA LIVRO POR APENAS CR\$ 580,00. PREENCHA O CUPOM E ENVIE-O JUNTAMENTE COM SEU CHEQUE NOMINAL E CRUZADO A FAVOR DE WLADIMIR POMAR (RUA DR. SENG, 287, AP. 91, CEP 01331, SP/SP) VOCÊ RECEBERÁ OS LIVROS EM SUA CASA, POR CORREIO, REMESSA REGISTRADA.

Sr. Wladimir Pomar, peço que me envie ___ exemplares de "Rasgando a Cortina" e ___ exemplares de "A miragem do mercado".

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

UF _____

Cep: _____



WLADIMIR POMAR
A MIRAGEM
DO MERCADO

A MIRAGEM DO MERCADO

é uma análise do processo de
reestruturação do capitalismo
naqueles países, suas contradições,
seus limites e seus mitos.

Trombada na terceira via

Nascida de uma disputa fisiológica, a briga entre PMDB e Planalto pode virar crise política.

Em casa onde falta o pão todos brigam, e ninguém tem razão. Nada como o célebre brocado popular para explicar a estranha disputa que consumia, nas duas primeiras semanas de setembro, as energias do que há algum tempo se convencionou chamar de "terceira via".

A queda de braço em que se envolveram o presidente Itamar Franco e a equipe econômica, por um lado, e a maioria dos peemedebistas comandada pelo governador de São Paulo, por outro, acabou revelando que, apesar de algumas vitórias pontuais, o capital político do governo (o "pão" que alimenta os partidos de situação) é pouco. O problema, para os conservadores, é que ao lutarem por ele PMDB e PSDB paralisavam o Executivo, ampliavam as incertezas sobre o futuro da economia e acabavam prejudicando o esforço da direita para desfechar uma revisão constitucional "a toque de caixa".

"RESPEITO". Iniciada no final de agosto, com o protesto de Fleury contra a demissão do presidente do BNDES, a querela com o Palácio do Planalto nunca teve qualquer motivação política. Em 8 de setembro, ao receber pela primeira vez a solidariedade de dois outros governadores (Iris Rezende, de Goiás, e Jader Barbalho, do Pará), o próprio governador paulista fez questão de alardear que a independência em relação ao Palácio do Planalto seria "melhor para o país", mas que se fosse para permanecer no ministério o partido teria "de ser tratado com maior respeito".

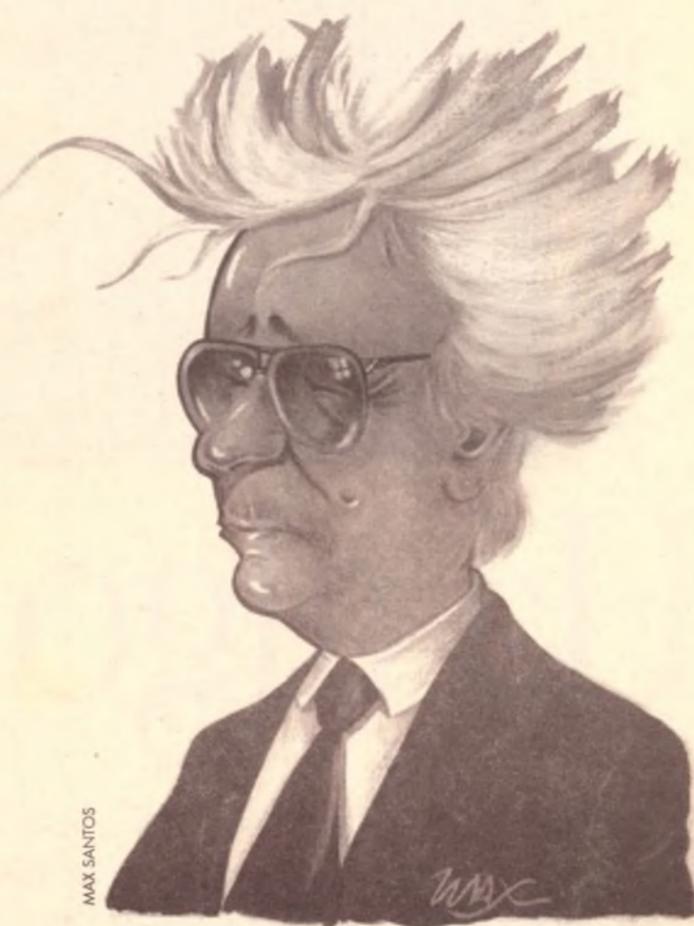
A primeira atitude do presidente Itamar Franco, da equipe econômica tucana e da própria maioria governista que dirigia o PMDB até a Convenção Nacional do dia 12, foi apostar no fiasco da pregação oposicionista do governador. "O Fleury não é dono do partido", disse em 30 de agosto o chefe do governo através do porta-voz Francisco Baker. E acrescentou: "Há o PMDB gaúcho, o PMDB do Sarney..." Ao ouvir um dia depois uma longa exposição do ministro Fernando Henrique sobre seus planos econômicos, o líder peemedebista na Câmara, Genivaldo Corrêa, fez questão de ressaltar que defendia o apoio do partido a eles: "Não memostaram até hoje uma alternati-

va melhor, até porque o palanque da oposição está muito cheio".

APOIO DAS BASES. Uma sucessão de episódios iria demonstrar rapidamente, no entanto, que Fleury estava certo quando garantia ter o apoio "das bases" do partido para as pressões que lançava ao Planalto. Depois de receber o apoio dos governadores, ele conseguiu forçar o Conselho do partido, majoritariamente governista, a adiar uma definição, no dia 10: transformou-se na maior estrela da convenção partidária que apontou o caminho oposicionista no dia 12; e esteve por trás da demissão do ministro Coutinho Jorge, que forçou dois outros integrantes peemedebistas do ministério, e o líder no Senado, a colocarem seus cargos à disposição, um dia depois.

Ainda antes da Convenção do PMDB, o presidente Itamar Franco daria mostras de que estava disposto a recuar. Orientou o ministro Fernando Henrique a desistir do pronunciamento que faria à nação por reederação de TV no dia 14. Sob ameaça de demissão de três ministros, procurou iniciar, ainda nesse dia, contatos com o novo presidente do PMDB, Luiz Henrique, para redefinir a participação do partido no ministério.

Itamar preci-



MAX SANTOS

Fleury pode tropeçar outra vez



SÉRGIO AMARAL/AE

sava de uma reconciliação, e apostava nela. Que rumo poderia seguir o PMDB fora do governo? Dificilmente teria condições de disputar o campo oposicionista com Lula ou com Maluf.

As crises, no entanto, desatam movimentos que mais tarde são difíceis controlar. Tornado público o rompimento inglório, quem se humilharia para contorná-lo? O PMDB concordaria em entregar de vez o comando da política econômica a um partido mais fraco? O PSDB, que cultiva a aura de antifisiológico, permaneceria

num governo que cede a pressões por postos tão primários?

A querela entre as forças da "terceira via" agravava a intranquilidade entre os agentes econômicos, mais grave ainda por ter a inflação alcançado os 35%. Restava ainda a Fernando Henrique a saída de precipitar o choque, e obter ao menos momentaneamente apoio político forçado. O risco era decretar medidas que se desfizessem antes mesmo da eleição, e sepultar em definitivo as últimas chances da "terceira via".

ANTÔNIO MARTINS

PACOTE ECONÔMICO

O dólar furado

Adoção de uma âncora cambial pode significar uma hiperinflação induzida, nas costas dos pobres.

Fique ou não o PMDB, o governo Itamar deve lançar algum tipo de pacote. Quando, dependerá da situação política e econômica tudo indica que eles não conseguirão tolerar uma inflação superior a 40%. Que tipo de plano? Entre os tucanos do ministério, cresce o apoio a algum tipo de âncora cambial. Até porque não parece haver outras alternativas: ninguém acredita que um tratamento ortodoxo consiga derrubar a inflação; um congelamento supõe uma credibilidade e uma vontade de enfrentar os capitalistas que o governo não tem; e um confisco, bem, imagina-se que isso eles não vão fazer.

A proposta de dolarização que está na mesa é a economista André Lara Resende, atualmente negociador da dívida em Washington: cria-se-

outro Banco Central, que emitiria uma nova moeda, de paridade fixa com o dólar. Quem quiser terá que comprar com dólares a nova moeda do novo Banco Central. Ou seja, nem todos teriam acesso imediato à nova moeda que paulatinamente passaria a circular no conjunto da economia.

Os técnicos do governo parecem acreditar que, com a criação de uma moeda estável, vinculada ao dólar, com a confiança dos capitalistas, haverá um surto de crescimento, ampliar-se-á a entrada de capital externo, cairá a inflação. Mas, segundo Carlos Eduardo Carvalho, assessor da Confederação Nacional dos Bancários, há dois problemas graves, tecnicamente falando, na proposta de Lara Resende. Primeiro, não se explica como se formará a reser-

va inicial (em dólares) do novo Banco Central; provavelmente será utilizada uma parte das reservas do atual Banco Central, e com isto a tendência é que se emitam cruzeiros reais sem lastro.

REBORDOSA. O segundo problema é que este esquema pode provocar uma hiperinflação em cruzeiros. Aliás, a circulação simultânea de duas moedas na economia como a adotada na Alemanha de 1923 ocorreu quando a moeda "velha" já havia sido destruída por uma hiperinflação.

O caso é que os detentores de dólar, de patrimônio físico, os exportadores, os capitalizados poderão adquirir a moeda nova e os demais... Bem, os demais que se virem caso o que é bastante provável ocorre

uma hiperinflação em cruzeiros reais.

O governo tem alternativas? Tem, mas para isso seria preciso abandonar a idéia de que a causa da crise é o "desequilíbrio do setor público". Para o professor Décio Garcia Munhoz, da Universidade de Brasília, esta afirmação, repetida freqüentemente pelo deputado federal José Serra, é pura abstração, retórica. "O governo está meio perdido: ele fala em problema fiscal, esquecendo que o governo aumentou brutalmente sua receita tributária".

Segundo o professor Décio, a única maneira de estabilizar a economia é realizando mudanças no sistema financeiro. É claro que o estabelecimento de taxas de juros mais baixas vai afetar os bancos a maioria não tem condições de

manter-se num ambiente sem inflação. Mas só assim o país voltaria a crescer. Para o que, aliás, seria muito positivo poder contar com um sistema financeiro de fato dedicado a financiar a produção.

VALTER POMAR



E
N
T
R
E
V
I
S
T
AI
V
A
N
F
R
O
T
A

Há algo no ar...

O que quer o brigadeiro Ivan Frota? Para alguns, sua candidatura é um jeito de os militares voltarem à cena política. Para outros, trata-se apenas de um militar direitoso disputando espaço político. Em entrevista ao repórter Hamilton Cardoso, o brigadeiro revela sua simpatia ideológica pelo PPR de Maluf e afirma não concordar com os militares da reserva que andam pregando golpe, embora os considere homens de boa fé.

Ele tem 3.500 horas de voo, é o piloto de caças mais antigo da Aeronáutica. Aos 63 anos de idade, 45 de vida militar, quer voar mais alto: ser presidente da República. É o tenente-brigadeiro Ivan Moacir Frota, até o dia 12 de agosto comandante geral do Ar. E já ostenta o primeiro troféu político: na véspera foi homenageado em almoço, no Clube da Aeronáutica, pelos comandantes das três forças militares.

Até então ostentara apenas a carreira militar na Aeronáutica, onde ocupou todos os cargos operacionais, chegando a chefiar entre 75 e 78 a Comissão Brasileira da Aeronáutica em Washington. Entre 84 e 86, foi vice-chefe do Estado Maior das Forças Armadas.

Por que o senhor, após deixar a carreira militar, optou pela política, e logo para a Presidência da República?

A opção de me candidatar à Presidência da República ainda não foi tomada definitivamente, porque isto implica uma série de providências, até de caráter técnico, legal, que ainda não estão ultimadas. Mas eu me engajei na política praticamente lançado pelo destino; porque nos últimos anos da

minha vida militar eu estava muito preocupado com o tratamento que a sociedade vinha dando às Forças Armadas no Brasil. Este tratamento vem enfraquecendo progressivamente as Forças Armadas. Ora, este enfraquecimento eu sentia mais de perto na Força Aérea, onde exercia o cargo de comandante geral do Ar. Nesta época, eu tinha mais de 40% do efetivo da Força Aérea sob meu comando, com mais de 400 aeronaves militares, sentindo cada vez mais reduzidos os recursos para os pilotos manterem o seu treinamento... Então achei que era a hora de fazer um alerta à nação. Eu tinha feito vários alertas aos dois últimos ministros sobre esta situação, com documentos escritos e verbalmente.. Eu disse ao meu ministro, um dia, que havia decidido publicar um trabalho numa revista da Aeronáutica, de circulação interna. O ministro achou que não haveria nenhuma transgressão disciplinar. E foi assim que surgiu esta história, e de repente a repercussão foi muito grande no campo militar, a solidariedade foi muito grande...

Como estão as suas conversas com os partidos? Qual deles o senhor acha mais simpático, está mais próximo das suas idéias?

A gente sabe que os grandes partidos estão muito confusos atualmente, não? Então a gente vê aí o PMDB, o PFL, eles estão inseguros e não têm ainda uma noção exata de como vão enfrentar estas crises que eles estão atravessando. Na realidade, se eu for candidato, sinceramente não gostaria de ser por um destes grandes partidos. Porque a contaminação, a confu-

são está um pouco grande para a gente pretender entrar neste meio. É isto e mais o ideário dos partidos disponíveis, a não ser os menores, porque tem vários partidos menores que se prontificaram a receber a minha candidatura, e aí não é aquela história de partido de aluguel, porque esses partidos têm ideário próprio. Mas eu tenho assim uma afinidade doutrinária pelo PL, pelo PTB, pelo PPR, porque eu andei estudando seus estatutos e senti que eles coincidem mais ou menos com as minhas idéias.

O senhor falou em crise dos partidos, mas parece que o país enfrenta uma grande crise, muito maior, de inflação, desemprego, chacinhas...

Eu sou um otimista inveterado, e acho que o nosso país, apesar de todas estas dificuldades conjunturais, tem um potencial fantástico de recuperação, e não só pela sua população que, apesar de 150 milhões, tem mais ou menos 30 milhões abaixo das condições aceitáveis de vida, que muitos chamam de faixa de miseráveis, com o que não concordo muito... O nosso país é um país pacífico, com um povo ordeiro. Apesar de alguns focos de desordens em alguns estados, não é assim no Brasil todo. Eu vejo grandes possibilidades de sairmos destas dificuldades. Mas para isto nós precisamos que os homens que nos governam, que comandam o nosso país, di-

rigem as instituições, apresentem algumas características básicas. Uma delas é a competência, a outra é a coragem. Coragem é uma coisa que está faltando em nosso país, não na população mas principalmente nos homens públicos. Estamos vivendo uma fase que eu chamo de a conspiração do silêncio. A conspiração do silêncio significa o silêncio de cada um de nós. O medo que cada um tem de falar contribui negativamente para acelerar e incrementar todos estes problemas que nós estamos tendo. E é por isto que tenho feito este movimento, que chamamos de "democracia com dignidade".

Em sua fala há alguns conceitos como dignidade, coragem, afirmação, positividade nos pensamento aparecem muito. Explique isso.

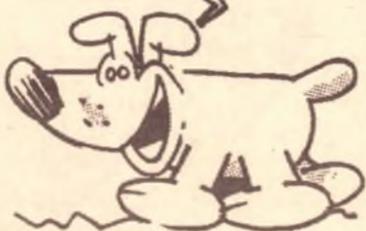
Esta é a minha bandeira principal, se é que posso chamar assim. Eu acredito que qualquer providência que nosso país tenha que tomar daqui para frente, neste contexto global, tem que passar por uma revolução moral. Eu até usaria a expressão "uma cruzada nacional de moralidade", que alguns podem achar até utópico e fantasioso, mas é naquele espírito de que lhe falei, de otimismo. E você lembra que eu lhe falei em conspiração do silêncio. Um dos aspectos da conspiração do silêncio é o cidadão que não acredita mais que seu esforço, sua dedicação, possam resultar nalgum benefício. Ele não acredita mais que, se ele reclamar de alguma coisa, isto vai ter resultado. Isto também colabora para esta conspiração do silêncio. Então o cidadão digno do país, que felizmente é a maioria, fica em casa e não fala porque não encontra um veículo nem acredita que o que ele falar vá trazer algum benefício. É importante que este cidadão se constitua num fiscal permanente, que passe a ter coragem de dizer as coisas, de reclamar os seus direitos, porque outra crise que vivemos neste país é a crise de moralidade. Estou preconizando o seguinte: que em cada comunidade deste país se reúnam alguns cidadãos em grupos de defesa da democracia com dignidade, e aí vamos intervir junto aos órgãos públicos, junto aos prefeitos, aos vereadores, junto às repartições públicas, tanto do Judiciário, quanto do Legislativo e do Executivo, e vamos passar a exigir o funcionamento correto das coisas. Vou dar um exemplo muito simples: hoje em dia ninguém consegue atravessar uma destas ruas mais movimentadas com tranqüilidade, porque ninguém mais respeita o sinal vermelho, seja em que hora for. Então a gente precisa ter coragem de exigir as coisas, de exigir probidade, de lutar contra o suborno, o tráfico de influência... Nós temos o movimento chamado "Movimento de

Defesa da Democracia com Dignidade". Eu tenho uma carta que remeto a todas as pessoas que têm me escrito e outras do universo com que tenho mais ligação. E o meu universo é o universo militar, pessoal da reserva. Nós temos mais de 100 mil militares da reserva, só das forças regulares deste país, espalhados pelos seus 4500 municípios. É uma força

mental fantástica... A carta que eu mando exorta estes indivíduos, nominalmente, para que se constituam num pólo de difusão, num grupo inicial que possa gerar, nesta comunidade, um movimento, junto com outros, por exemplo o do Betinho, contra a fome, e outros movimentos comunitários que existem por aí... E vou ainda mais longe: até mesmo estes movimentos mais radicais de militares - Auracária, Bandeirantes, Guararapes - também são expressões da insatisfação que existe

Nunca houve golpe nem movimento pela tomada de poder à força que não fossem empurrados pelo povo. Neste momento não existe movimento do povo, ainda...

**BRIGADEIRO?
PREFIRO
O DOCE DE COCO!**



na sociedade, são expressões da insatisfação de pessoas que são não os militares da reserva, mas indivíduos que têm este sentimento de organização um pouco mais desenvolvido. Não são arruaceiros nem nada disto, são cidadãos que não agüentam mais, e por isto estão falando. Os jornais às vezes publicam: ah que absurdo, chamar o não sei quem de não sei o quê. Não é isto daí, sai lá do fundo da alma, ninguém quer o mal deste país, ninguém quer derrubar governo....

Brigadeiro, a imprensa tem noticiado vários tipos de manifestações na área militar, algumas sugerindo golpes ou mesmo, no caso de Sarney, a fujimorização do país...

Primeiro eu discordo que todos estes grupos preguem o golpe ou a fujimorização. Eu até admito que existam indivíduos, não no campo militar mas no civil, que preconizam isto, dizendo que não dá mais para agüentar, que alguém tem que tomar conta disto... Mas uma coisa eu lhe digo sinceramente: ninguém neste país dá golpe nem nunca houve, nem digo golpe, nunca houve movimentos revolucionários de tomada do poder à força, que não fossem empurrados pelo povo. O povo tem que pedir isto. Ninguém faz isto independentemente... Ninguém de repente diz: vamos fazer um movimento e tomar o poder... A grande força deste mundo chama-se povo. O povo pode tudo. E esta é a essência da democracia. O povo pode tudo dentro da democracia e quando está fora da democracia ele também acaba colocando a sua vontade e a verdade, finalmente. E isto que temos que entender: sem povo ninguém faz nada... No nosso país, neste momento, não existe este movimento do povo, ainda, para a tomada do poder à força. Poderá até vir a ter, mas no momento não existe esta possibilidade, não acredito nela e, o que é mais importante: as Forças Armadas, até onde eu conheço os nossos ministérios militares, as nossas forças regulares, estão perfeitamente sintonizadas com a constitucionalidade e acho que vão se manter nesta linha até um futuro previsível...

Bem, mas circulam informações de que há um movimento apontando em direção ao golpe. Esta não seria a expressão da ponta do iceberg, de um sustentáculo que se está construindo na opinião pública, na sociedade civil?

Olha, pode até ser que exista. Eu até disse num documento que fiz há algum tempo: as viúvas do poder já estão se movimentando. Quando digo viúvas do poder não estou falando ou me referindo a militares não, mas a grupos políticos que às vezes se utilizam de alguns militares que, felizmente, não têm liderança nenhuma na tropa e que procuram criar o ambiente de poder, adotar um procedimento pseudo-legal, quer dizer, um artifício de legalidade. Aí sim, num golpe branco, eventualmente podem assumir o poder, e com a ajuda de grupos de militares. Mas, como eu estava dizendo, eles não têm sustentação nenhuma... Então não há nenhuma possibilidade de sucesso. Isto infelizmente pode até ter sido pensado em passado recente, mas agora eu acredito que as pessoas que pensaram nisto já estão desistindo, porque perceberam que não existe sustentação para uma coisa deste tipo...

O conflito entre legalidade e ilegalidade é muito comum aqui no Rio, com crescimento dos tráficos de influência e de entorpecentes, ocorrência de chacinas, desrespeito de autoridades, uma situação caótica...

Não sei se é porque a gente vive mais aqui no Rio, mas a gente passa pelo país todo e a tensão não é só aqui. A tensão social existe no país inteiro e ela é fruto basicamente da desorganização econômica. Os salários são muito baixos, há uma falta de emprego tremenda, e o desemprego é a pior doença que um desajuste econômico pode trazer para uma sociedade, porque o homem não consegue nem trabalhar. O desemprego é justamente a causa principal, na minha opinião, o efeito mais pernicioso e selvagem deste desajuste econômico. Ele gera a marginalidade. Porque o homem tem um irmão, tem um filho, a mãe, e não tem o que dar para eles. Então ele apela para a marginalidade... Em minha opinião está faltando um pouco de decisão política. Parece que agora, com os acontecimentos dramáticos que tivemos, estão tomando medidas mais sérias no campo da segurança. Mas isto tem que ser feito a nível estratégico e não a nível tático. Não adianta o submarino começar fazer água, estar afundando, e você ir tapar um buraco, pôr uma rolha, outra rolha... Eu acho que temos que trabalhar, em nosso país, tomar providências sérias em relação ao problema da segurança, porque em muitos lugares está havendo

ação do Brasil nesta área?

Eu vejo tristemente. Por vários motivos. Primeiro porque há uma orquestração, um movimento dos países ricos, que têm determinados objetivos em relação ao Brasil. Objetivam vantagens (inclusive até cobiçam a Amazônia), no campo diplomático, comercial, e mais uma série de coisas, para enfraquecer a vontade brasileira e, principalmente, para justificar perante o mundo todo que nós brasileiros não temos competência para nos gerenciarmos. Então, não só são forjados acontecimentos, magnificados pela imprensa internacional. Às vezes, ela comanda nossa imprensa nacional, porque tem órgãos de divulgação mais poderosos. Nós mesmos, infelizmente, jogamos o jogo deles, quer dizer, somos inocentes úteis, porque divulgamos o que eles dizem aqui no nosso país... Vou dar um exemplo do contrário. Dia 9, na Somália, as forças armadas americanas, que estão lá numa força de paz, entre aspas, da ONU, ma-

taram mais de 150 civis, mulheres, famílias, crianças, tudo, indiscriminadamente, com os helicópteros que foram lá atacar. Por quê? Porque havia um movimento de revolta da população, que está num desespero tre-

Lá fora dizem que a gente mata índios, crianças, famílias inteiras. Tem uma campanha que diz: mate um brasileiro para poupar alguns metros de selva na Amazônia.

ras de inocentes, desamparados. Isto é o que tem surgido lá fora. Agora, lá fora tem uma campanha que diz o seguinte: mate um brasileiro para poupar alguns metros de selva na Amazônia. Você viu a que ponto chegou esta propaganda? É uma propaganda com o objetivo de desmoralizar a nossa nação perante o mundo. Aí então, de vez em quando, sai a notícia: Os bandidos do mundo inteiro estão fugindo para o Brasil....

Estas coisas, chacinas, matança de índios, crianças famintas, estes problemas sociais, estão ocorrendo ou não?

Sim, estão ocorrendo. Não há dúvida nenhuma e nós já falamos antes disso. Mas não estão ocorrendo em dimensão maior do que em outros lugares do mundo. Agora, quanto à chacina de índios, eu discordo de você. A imprensa está aí e mostrou que não foi na dimensão que se falou. E nem da forma que se falou. Ela não foi no Brasil, foi na Venezuela, não foram 73 mas 15 ou 16 índios que morreram. Nada disso também é tolerável, mas esta quantidade, estes conflitos entre garimpeiros, que têm seus interesses, estão descontrolados na Amazônia, porque nós, o governo, não organizamos a exploração da Amazônia, e ela tem que ser organizada. Temos que aproveitar o que a Amazônia tem e pode dar para a gente, para tirar a gente deste buraco.

Parece que alguns conflitos estão começando a se desenvolver no Brasil. Na questão das privatizações, recentemente policiais e populares entram em confronto...

A gente vê nitidamente que estas

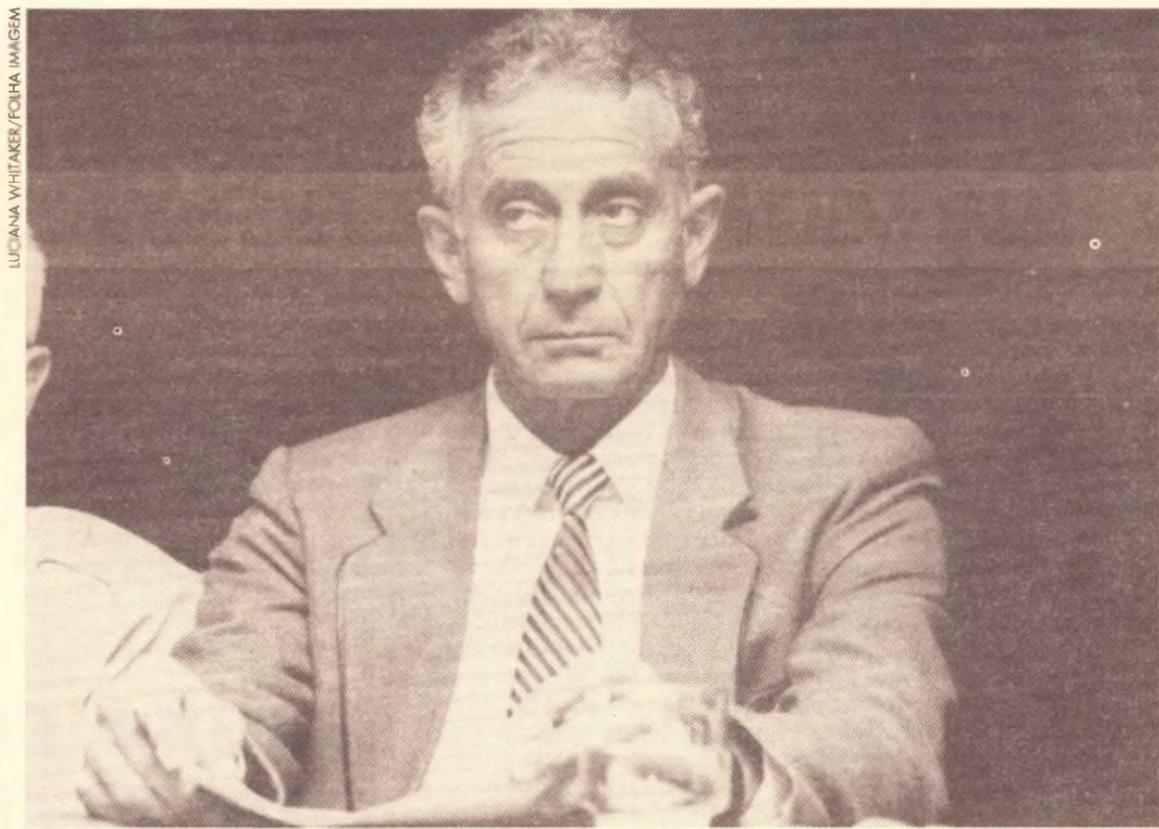
coisas são movimentos políticos insuflados que, infelizmente, convencem até mesmo os nossos jovens, que tiveram um papel bonito, com a cara-pintada na época do impeachment. Convencem nossos jovens com arroubos de patriotismo, arroubo de entusiasmos, e eles se metem num negócio destes, que é absolutamente inaceitável, inaceitável. Não podemos permitir que o império da ordem seja penalizado da forma como temos visto. Se nós queremos defender o direito, a ordem, que tenha polícia decente, não podemos tolerar o que tem acontecido por aí. Estes grupos políticos, que estão quase se transformando em grupos paramilitares, eles que se cuidem, porque podem estar provocando a própria destruição. Porque se começam a provocar a desor-

ganização, pelo menos a aumentar a desorganização interna do nosso país, nós podemos entrar numa situação de descontrole total.

O descontrole total seria o quê?

O descontrole total seria o caos, seria a falta de ordem, ninguém mais controlando coisa alguma. Graças a Deus, eu tenho certeza que as nossas Forças Armadas não permitirão que isto aconteça. Se alguém tem na cabeça ainda aquela teoria do quanto pior melhor, para a conquista do poder pela perda e a desmoralização total da ordem pública, pode tirar o cavalo da chuva porque não vai conseguir.

Porque eu tenho certeza que as nossas Forças Armadas, seja por solicitação de um dos órgãos dos poderes constitucionais que a gente tem ou mesmo por motivo próprio, se chegar ao ponto em que isto seja necessário, elas não deixarão que o caos aconteça.



LUCIANA WHITAKER/FOLHA IMAGEM

do uma falência total do sistema policial. Agora, principalmente, nós precisamos ter acima de tudo autoridade, liderança, organização e, antes de tudo, salários dignos. Temos que selecionar o pessoal da polícia, mas para isto temos que ter salários dignos. Senão, o que acontece: os salários são muito baixos e os indivíduos que vão se candidatar para entrar na polícia são pessoas que, às vezes, estão próximas da marginalidade.

As duas coisas se confundem. O povo quer ter a segurança, pelo menos para andar nas ruas, poder ir trabalhar. Às vezes as pessoas pensam que segurança é supérfluo, que o importante é ter comida, segurança não precisa... Não. Se não tiver segurança, a gente não vai ter comida, porque ninguém mais vai trabalhar, vai ser assaltado nas ruas.

O senhor falou sobre a questão internacional. Como o senhor vê a situ-

cachaça

Ainda resta

Com desemprego, inflação, miséria, violência, futebol ruim, música decaindo... o brasileiro ainda pode beber uma boa pinga. Mas mesmo assim com cuidado: a maioria é falsificação.



Barris de envelhecimento da cachaça Vale Verde, em Betim MG

Na guerra, pelo menos nos filmes que a gente vê, os soldados matam os inimigos de cara limpa, sem consumir nada que os estimule a sair dando tiro em quem nunca viu na vida. Mas pelo menos na Guerra do Paraguai não era assim. Antes de começar as batalhas, os generais tinham uma fórmula para deixar os soldados muito doidos: serviam-lhes bons goles de cachaça, misturada sabem com quê? Com pólvora! Eles pegavam um cartucho, abriam, tiravam o chumbo e jogavam a pólvora na caneca com pinga. Mexiam, mexiam e mandavam pra dentro. E aí saíam doidões.

Essa é - ou foi - uma das piores utilidades da pinga. Há outras muito boas. Há quem a use para fazer amigos (o con-

hite para tomar uma pinga é o início de boas amizades, às vezes), para dar outro tipo de coragem (os tímidos precisam dela para passar uma cantada na pretendente), para se aquecer, para refrescar, para alegrar.

Mas é uma bebida "ruim", dizem alguns tomadores de uísque ou de conhaque, por exemplo. Bem, comparar essas pingas industriais vagabundas que se vendem nos bares de São Paulo ou Rio de Janeiro com uísque envelhecido doze anos ou conhaque com no mínimo sete anos em barris de carvalho, produzidos com todas as exigências de qualidade, é mesmo absurdo. Pinga produzida com normas de qualidade sim, pode ser comparada com uísque escocês de primeira linha e conhaque francês. E nem precisa dos doze anos de enve-

lhamento do uísque e no mínimo cinco do conhaque: com um ano e meio a pinga já está no ponto. Bebida de primeiríssima qualidade.

PINGA OU CACHAÇA? Como o uísque, o conhaque, a bagaceira, o rum, o pisco, a tequila e outros destilados, a pinga é um aguardente. O que varia é a matéria-prima. Para o pisco, a bagaceira (também chamada graspa ou grapa) e o conhaque, é a uva, para a tequila é um cacto mexicano, para o rum e a pinga é a cana. Mas às vezes chama-se de pinga destilados de outras coisas: no Vale do Ribeira, sul de São Paulo e proximidades do litoral paranaense, há uma pinga de banana. Há quem faça pinga de abacaxi e de muitas frutas silvestres, só que para consumo próprio, em pequenas

quantidades. Eu mesmo já tomei, além das citadas, pingas de gabirola, de jambo e outras frutas por aí. E no Maranhão há uma pinga tradicional feita de mandioca, em vez de cana: a tiquira.

O certo é que no mundo todo cada um usa o que tem para produzir sua "cachaça", ou melhor, seu aguardente. Se algum lugar produzir só quiabo, não sei não se não vão descobrir um jeito de extrair álcool etílico de quiabo. E em todos os lugares, os nomes são sugestivos, significam quase sempre "água da vida" ou coisa do

gênero. A bebida típica sueca, por exemplo, já tem seu nome por aí: *acqua vita*, é feita de anis. Já a vodca russa, traduzida para o bom português, significa simplesmente "agüinha". Ou vocês pensam que é só aqui que a gente inventa sinônimos para as bebidas?

Tá certo. O número de sinônimos para pinga é muito maior. Dizem que são seiscientos e tantos. Branquinha, amarelinha, azulzinha são alguns deles: democrática, ela contempla todas as cores (e pelo seu preço é acessível às "cores" raciais também: brancos, negros e amarelos). Em alguns lugares é chamada de abrideira, terebintina, quebra-munheca, homeopatia, malvada, filha-de-senhor-de-engenho, gramática, mata-bicho, mamãe-sacode, tome-juízo, cobertor-de-pobre; cajibrina e muitos outros nomes. Mas se você não quiser usar nenhum deles, pode inventar um na hora que o bom vendeiro entende. Já experimentei, com um amigo: entramos numa venda de Minas e eu pedi duas "bostas". O vendeiro nem perguntou, serviu duas pingas. Fiz isso para provar minha teoria ao amigo. Ele desconfiou que esse já era um

ESSAS COISAS QUE DIZEM DA PINGA SÃO VERDADEIRAS?

PINGA BOA FAZ "COLAR" NO GARGALO DA GARRAFA. É meia-verdade. Pinga boa geralmente faz um "colar" de bolhas no gargalo, quando a gente chacoalha a garrafa, ou no copo quando a gente serve. Mas os falsificadores sabem enganar os incautos: põem um pouquinho de sabão na beberagem deles, e a pinga horrível aí também faz "colar" de espuma.

PINGA BOA É AMARELA. O amarelo é dado pela cor da madeira em que a pinga descansa. Assim como o uísque e o conhaque pegam a cor do carvalho. A madeira amacia e corta a acidez da pinga, embora haja quem prefira a cachaça branca, descansada em recipientes de vidro (a própria garrafa ou garrafão). Mas essa cor amarela também pode ser uma falsificação: os enganadores colocam na pinga um pedaço de fumo de corda, que lhe dá a cor amarela. Outros colocam caramelo, com o mesmo efeito. Mesmo a pinga descansada em madeira pode pegar vários

tons, alguns não tão amarelados.

PINGA COM RAIZ, CASCA OU PLANTAS INTEIRAS É REMÉDIO. É verdade, pode ser remédio. Mas pode ser veneno também. Todas as plantas aromáticas e medicinais têm um "princípio ativo", ou seja, uma qualidade que pode ser extraída e usada para perfumaria ou farmácia. No caso de plantas tóxicas, o princípio ativo pode ser remédio até uma certa quantidade e veneno quando consumido em quantidade exagerada. Há princípios ativos que podem ser extraídos através da infusão em água, outros em álcool, em água fervente etc. A pinga extrai os suscetíveis à água e ao álcool.

GAMBÁS E BARATAS QUE CAEM NA GARAPA NÃO ESTRAGAM A QUALIDADE DA PINGA. ATÉ AJUDAM NA FERMENTAÇÃO. Mentira das brabas. Até mosquitos, as "drosófilas" (aqueles mosquitinhos que ficam rodeando as bananas), quando aparecem na garapa em fer-

mentação, prejudicam a qualidade da pinga. A fermentação com animais produz álcool prejudicial ao organismo. A falta de higiene faz a garapa azedar e produz uma pinga que arde na goela.

A MELHOR PINGA É A "DE CABEÇA". Tá aí coisa para enganar trouxa, ou quem não conhece pinga. A pinga de cabeça é a primeira que sai do alambique, é mais forte e contém tipos de álcool não etílico, impróprios para o consumo humano (há até o álcool metílico - o do metanol). A água fraca, também chamada pinga do "rabo" - a última que sai no processo de destilação - também contém impurezas, e tem pouco

álcool. O aproveitável mesmo é só a pinga "do coração", aquela que sai no meio do processo de destilação, com um teor médio de álcool de uns 40°, embora haja quem goste de pinga com até 54° - ou seja 54% de álcool. Os fabricantes misturam tudo, às vezes, pinga de coração, cabeça e rabo. O teor de álcool fica na mesma média da pinga boa, só que ela tem muitas impurezas e álcool vagabundo. Aí é aquela ressaca no dia seguinte...

TERRA BOA SÓ DÁ PINGA RUIM. Não é bem isso, mas os produtores das melhores cachaças não usam adubação química de maneira alguma. E realmente terra muito boa produz canas

uma alegria!

sinônimo local e que na próxima venda ele inventaria um nome. Pediu dois "martelos". O vendeiro serviu duas pingas.

Mas os nomes mais tradicionais são caninha, cachaça e pinga. Sempre perguntam se há alguma diferença entre eles. Havia. Caninha é um tipo de cana fininha, bem doce, que era usada para fazer a pinga. A pinga desta cana era chamada caninha. Pinga, por sinal, era a bebida obtida diretamente da garapa fermentada, enquanto a cachaça era feita a partir de melação ou melado fermentado. Depois tudo isso se misturou e os nomes passaram a valer igualmente para todos os tipos. Segundo o folclore, o nome da pinga vem da forma que ela é produzida nos melhores alambiques, que geralmente são pequenos: ela sai pingando deles.

HISTÓRIA. Pois é, no Brasil produtor de açúcar, onde não se podia plantar mais nada, na Zona da Mata nordestina, tínhamos que produzir nossa própria bebida, não ficar dependendo da importação da Europa. E qual era a matéria-prima que existia? Cana, claro. Nosso aguardente começou a ser, então, produzido de cana, nos fins do século XVI ou começo do XVII. Com ela, tínhamos então uma alternativa para a bagaceira vinda de Portugal. E como bebida brasileira, segundo o folclorista Luís da Câmara Cascudo, foi se tornando uma bebida de afirmação nacional. Numa época em que a bebida da classe dominante era o vinho do Porto, em 1817, os brasileiros

que queriam demonstrar resistência ao dominador preferiam a cachaça.

Já na Confederação do Equador, ela era também a bebida dos revolucionários, ganhando aí alguns sinônimos honrosos: patricinha, patriota e gloriosa.

Ela foi então ganhando características regionais. No Nordeste, ficou uma pinga muito adocicada, totalmente diferente do sabor preferido pelos mineiros e paulistas, que gostam de uma pinga mais "seca". Conforme a madeira usada no envelhecimento, ganhava-se um sabor próprio e até um sinônimo. Januária, cidade do Vale do São Francisco, norte de Minas, produzia uma cachaça com o sabor especial, e Januária virou sinônimo de um tipo de pinga boa, até que a fama lhe destruiu: com muita procura e pouca produção, alguns empresários passaram a importar pinga vagabunda do estado de São Paulo, em caminhões pipa, e misturar com a Januária. Permanecia um pouco do sabor, mas não a qualidade.

Falando em falsificações, uma das maiores desgraças da pinga é a categoria dos herdeiros. Muitos deles recebem dos pais ou avós falecidos um alambique produzindo cachaça de boa qualidade e com fama, aí resolvem "levar vantagem", se aproveitar, ganhar muito em pouco tempo. Compram pingas vagabundas e põem rótulos da que herdaram. Matam a galinha dos ovos de ouro em pouco tempo, desmoralizam sua própria pinga. Um velho fabricante de uma das pingas mais famosas

de Minas chegou a pedir a prisão de seu próprio neto, que colocava rótulos em outras pingas e vendia a altos preços. Se o rapaz faz isso já, imagine se herdar o alambique!

Outro sinônimo adquirido pelo lugar de produção é "parati" (é só lembrar dos versos de Assis Valente: "Vestiu uma camisa listrada e saiu por aí. Em vez de tomar chá com torrada, ele tomou parati..."), porque era em Parati, litoral sul do estado do Rio, que se produzia a maior parte da cachaça consumida na corte, o Rio de Janeiro, no século passado. Nesta época, em São Paulo, a bebida típica era a pinga com cambuci, uma fruta brasileira que deu nome até a um bairro da cidade e hoje é quase raridade, embora digam que o próprio Lula sempre consegue alguma garrafa de pinga com cambuci por aí.

NO BRASIL INTEIRO. Na Bahia, onde o normal é hoje uma pinga muito doce, intragável para os paladares dos sulistas, uma pinga contrariava a norma geral, a Birita, produzida desde o século passado até há pouco tempo na cidade de Santo Amaro da Purificação, terra de Caetano Veloso e Maria Betânia. Birita virou também um dos sinônimos de pinga. Por sinal, bem em Santo Amaro, terra da Birita, há alguns anos ocorreu um grande crime com a pinga e que serviu para criar mais medo e preconceito contra ela: um atravessador de pingas misturava álcool com pinga e água, para vender um produto mais barato usava álcool

combustível, mais barato que o engarrafado. Numa dessas usou metanol. Resultado: matou várias pessoas com sua pinga falsificada.

Mas fora esses crimes e criminosos, em todos os lugares há produtores de pingas boas. E nisso vai um agradecimento ao Proálcool: muita gente que começou a produzir cana para fazer álcool combustível passou a aproveitar a matéria-prima para fazer pingas para consumo próprio, e alguns aprenderam bem, deram certo, fazem pingas de primeira. Deve ter milhares de alambiques desconhecidos produzindo boas cachaças por aí. Mas voltando aos lugares conhecidos que produzem cachaça de primeira, eles são espalhados por todo o Brasil, havendo cidades ou regiões famosas por suas cachaças (algumas às vezes não tão boas). E isso vai do sul até o norte: em Santa Catarina, uma cidade chamada Luís Alves tem até uma festa da pinga. No Paraná tem Morretes, no estado do Rio tem Parati com a fama e outros lugares onde produzem pingas melhores, em Minas tem Salinas, no Vale do Jequitinhonha no auge da fama, mas com pingas boas feitas em várias regiões, na Bahia tem Santo Amaro, em Pernambuco tem Vitória de Santo Antão e assim por diante: Ceará, Pará, todo lugar tem sua pinga.

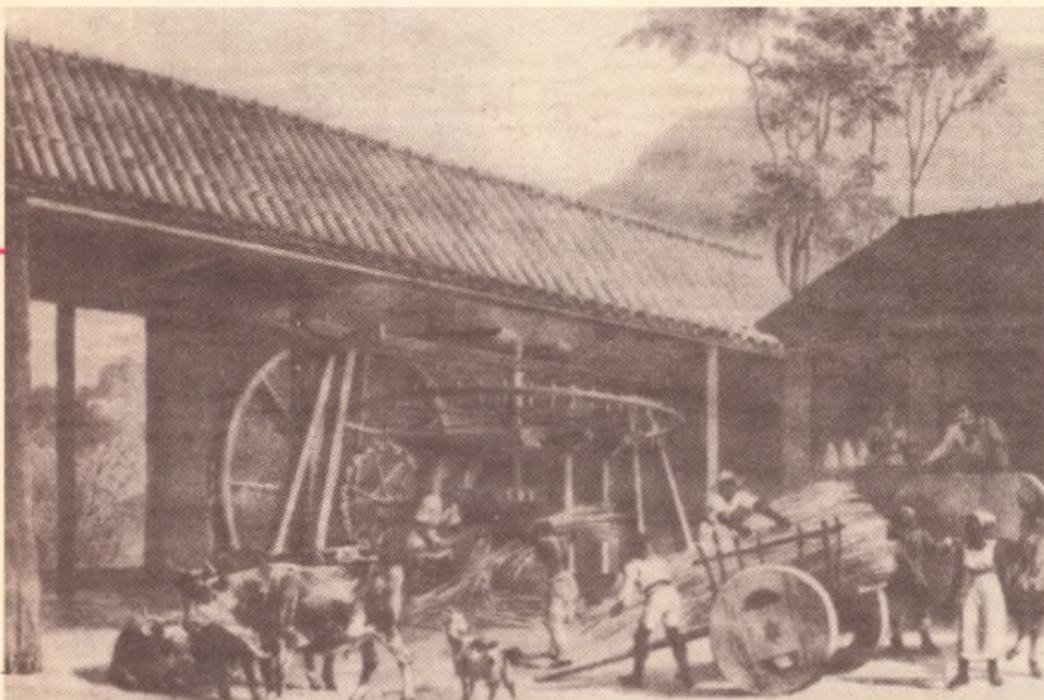
BOM EXEMPLO. Mas a fama da pinga boa, para os cachaceiros, fica com Minas Gerais, que apesar de produzir mesmo cachaças de primeira tem sido importador de pinga vagabunda, porque a produção é menor do que o consumo. Mas aí, já na década passada, o próprio governo resolveu interferir, estimu-

lando a produção de cachaça de primeira, em pequenos alambiques, ao contrário de Pernambuco, onde o secretário da Fazenda, na época, fechou "todos" os produtores de "fundo de quintal", alegando que eles não pagavam impostos. E o cara contava isso com orgulho! Para se saber o resultado, é só comparar a qualidade das pingas mineiras com as pernambucanas.

O INDI, Instituto de Desenvolvimento Industrial de Minas, passou a dar assessoria técnica aos pequenos produtores; ao mesmo tempo a prefeitura de Sabará criou um festival estadual da cachaça e surgiram casas especializadas em vender boas pingas em Belo Horizonte (exemplo seguido depois por São Paulo e Rio) e hoje já há uma coisa que pode ser o caminho das pedras para acabar com os preconceitos contra a pinga, uma das melhores bebidas do mundo quando tratada com respeito: foi fundada em Minas a AMPAQ - Associação Mineira dos Produtores de Aguardente de Qualidade. Segundo dizemos responsáveis, além do sabor e da qualidade da cachaça, comprovados por bons cachaceiros, há vitória nos alambiques dos produtores interessados em entrar na associação, antes da sua admissão.

A pinga com o selo de qualidade da AMPAQ será uma garantia de que o sujeito está comprando uma bebida de primeira, se a associação não descambar, como acontece com quase tudo no Brasil, onde o desrespeito a nós mesmos e o amor ao lucro acima de tudo torna comum e vantajoso vender gato por lebre. Todo o apoio à AMPAQ e cobrança de seriedade, eis uma proposta aos bons cachaceiros. E que o exemplo mineiro seja seguido por todos os estados.

MOUZAR BENEDITO



com muito caldo, e pouco açúcar, às vezes. E a qualidade da fermentação depende da quantidade de açúcar da garapa. Mas terra salobra também não serve. Outra recomendação é que seja usada terra onde bate muito sol.

FERMENTO DE PADARIA NÃO SERVE PARA AJUDAR A FERMENTAÇÃO. Mui-

tos especialistas recomendam o fermento de padaria para fermentação, considerando-o adequado. Mas os puristas não aceitam. Não aceitam a ajuda nem do fubá ou do farelo de arroz na fermentação. O método considerado perfeito, por esses pinguços exigentes, é o natural: deixar a garapa fer-

mentar sozinha, em dornas bem limpas (deu drosófila, joga tudo fora e começa de novo). Essa quantidade inicial é usada da mesma maneira que na coalhada: mistura-se com uma quantidade maior de garapa para fermentar, usa-se só uma parte e tira-se um pouco para fermentar outra garapa, e assim por diante.

TEM PINGA COMERCIAL EM QUE ENTRA ATÉ SODA CÁUSTICA NA COMPOSIÇÃO. Al-

gumas grandes indústrias não produzem toda a pinga que vendem. Compram a produção de toda a região de pequenos e médios produtores, que não têm nenhum cuidado, pois boa ou ruim a pinga deles é vendida à indústria por uma mixaria. Aí, toda a pinga é misturada e passa por um tratamento químico para a padronização de sabor. Neste tratamento pode entrar inclusi-

ve uma pequena quantidade de soda cáustica. Argh!

M.B.

O ENDEREÇO DA AMPAQ É:
RUA PEDRO II, 346 - CAIXA POSTAL 07 - SABARA -
MG - CEP 34505-000
TELEFONE (031) 671-1622



Porrada em vez de salário

O governo Fleury apostou no conservadorismo dos professores. E dançou.

"P olícia para quem precisa de polícia." Esta badaladíssima frase dos Titãs não é compreendida pelo governador do estado de S. Paulo, Luiz Antônio Fleury Filho. Na manifestação dos professores em frente ao Palácio dos Bandeirantes, em 26 de agosto, ficou evidente que ele está acostumado a tratar oficiais da polícia militar com gratificações, e greves com pancadarias.

Entretanto, o governador desconhece o perfil da categoria. Com adesão de 90%, a paralisação dos professores da rede estadual paulista data do dia 17 de agosto. Os fatos mostram que não é uma greve só por salários.

Uma pesquisa, que ouviu 800 professores (400 do interior e 400 da Grande São Paulo) encomendada pelo Cebrap e coordenada pelo cientista político Carlos Novaes, ao lado de Adalberto Cardoso e Álvaro Comin, aponta que a tática adotada por Fleury não poderia trazer piores resultados.

Novaes esclarece: "O governo estadual apostou no suposto conservadorismo da categoria". A pesquisa revela que mais de 50% declaram alguma preferência por algum

partido, mais de 60% concordam que dirigentes sindicais participem da política partidária. Em relação aos vínculos sindicais, 70% entendem que são uma forma de aumentar a força dos trabalhadores".

"Esses dados indicam como foi contraproducente a reação do governo, que pretendeu desgastar a Apeoesp, acusando-a de fazer política e insistindo no papel da PT e da

CUT na categoria", explicou Novaes.

Mas Roberto Felício, presidente da Apeoesp, acredita também que os professores estão reerguendo a cabeça. E explica: "1991 e 1992 foram anos muito difíceis para todo o movimento sindical. E agora o que acontece é uma reversão deste quadro". Apesar do tempo da paralisação, a entidade tem recebido o apoio de

SEC. DE
EDUCAÇÃO

MUDAR DE
LUGAR?
MAS EU NÃO
SOU PROFESSOR
NEM TÔ
EM GREVE.



pais de alunos. "Mesmo com todo o transtorno que a greve causa, eles estão solidários, temos recebido várias manifestações", disse Felício.

MISÉRIA. Outro aspecto destacado pelo sindicato, além dos baixos salários (em agosto, CR\$ 9.139,35, ou seja, uma hora-aula não atinge CR\$ 100,00), é a falta de uma política salarial definida. O vencimento é sempre uma surpresa. Mas Felício ressalta outra reclamação da categoria: "Muitos professores estão saturados por falta de boas condições de trabalho".

A greve, entretanto, parece não mexer com o ritmo da secretaria. Até o momento do fechamento desta edição, a Apeoesp já havia realizado duas reuniões com o secretário de Educação, Carlos Estevam Martins. Embora o secretário tenha admitido que era necessário tomar providências urgentes quanto aos salários, nenhuma proposta foi apresentada.

A frase "Educação no Brasil não é prioridade" já virou lugar comum. Em São Paulo, a distribuição de verbas revela claramente este quadro. O correspondente a 23% da arrecadação do ICMS é destina-

do à construção de estradas, 28,6% ao pagamento da dívida interna e 23,83% à educação (mas 18,71% é para a secretaria).

Por isso a Apeoesp coloca como prioridade a aplicação do valor estipulado em 1979 e completamente abandonado - 30% do ICMS - para a educação de 1º e 2º grau, tanto para salários como para custeio e investimento na rede pública. Porque a política adotada até agora foi a de valorizar apenas a escola-padrão.

A imprensa nacional tem dado destaque para São Paulo, mas a greve se estende por outros estados: Santa Catarina, Rio de Janeiro, Alagoas, Acre e Roraima.

É claro que não é um movimento localizado. E é fácil de entender. O dinheiro que deveria ser repassado automaticamente para os cofres de estados e municípios sofre vários "desvios", e o controle por parte dos tribunais de contas é inexistente. Enquanto países como Japão, Alemanha e Itália passaram a investir de 8 a 10% do PIB na educação depois da Segunda Grande Guerra, e os tigres asiáticos 12%, no Brasil o percentual é 2,5%.

ADÉLIA CHAGAS

O SOM NA MEDIDA DE SUA NECESSIDADE

A **DISKSOM** produz equipamentos de qualidade para serem usados em qualquer ambiente, parado ou em movimento. O funcionamento é muito simples, funciona com a bateria do carro e você investe pouco e uma vez só.

GARANTIA DE 180 DIAS

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

DESENVOLVEMOS
PROJETOS E MONTAGENS
ESPECIAIS PARA ÔNIBUS,
CAMINHÕES COM VÍDEO
E AUDITÓRIO.

KOMBI

1.080 WATS DE POTÊNCIA. DUPLO DECK,
MICROFONE, CAIXA INTEGRADA COM 6
SAÍDAS QUE SERVE COMO PALANQUE.
POSSIBILIDADE DE UTILIZAR GABINETE PARA
SONORIZAR AUDITÓRIOS.



CONVERSE CONOSCO

VADO OU VANESSA
FONE (011) 34.7244

DISK SOM

COMÉRCIO E MANUTENÇÃO



RUA SILVEIRA MARTINS, 12 - CENTRO, PRÓXIMO À PRAÇA DA SÉ - SÃO PAULO/SP - FAX (011) 35.0717

O roteiro amazônico de Lula

A I Caravana discutiu a fome no Nordeste. Esta trata de vários outros temas.

Éra de se esperar que pelo menos um dos cinco bimotores se extraviasse, por causa da fumaça das queimadas em território acreano. E não deu outra: o avião que levava o geógrafo Aziz Ab'Saber, os dirigentes petistas Markus Sokol e Jorge Almeida e o ex-prefeito de Diadema, José Augusto, foram parar em território boliviano, antes de pousar em Assis Brasil, no último dia 4, ponto extremo da II Caravana da Cidadania, liderada por Lula, que tem o fim de discutir com as lideranças dos diferentes segmentos da sociedade as propostas do PT e da comunidade para as principais questões regionais e nacionais. Os resultados dessas discussões serão incorporados ao programa do partido.

Realmente, todos os segmentos da sociedade tiveram representantes participando das discussões. Seringueiros, castanheiros, índios, empresários, lideranças políticas, garimpeiros, agricultores, pecuaristas, pescadores e lideranças religiosas já participaram ou iriam participar dos debates quando esta matéria foi fechada, no dia 14.

Em Assis Brasil, a grande reivindicação da elite econômica é a estrada ligando o Acre ao oceano Pacífico, via Peru, terminando em Porto Maldonado. Muita gente já prometeu fazer a estrada e se elegeu, mas não cumpriu a promessa. Já entre seringueiros e castanheiros a reclamação é o isolamento em que vivem, sem acesso à educação e à saúde. Nesta cidade, mais de trezentas pessoas foram conversar



Abandono de índios pela Funai está na pauta das discussões

ROTEIRO DA II CARAVANA DA CIDADANIA

Acre (4 a 7 de setembro): Rio Branco, Assis Brasil (fronteira com o Peru e a Bolívia), Brasiléia e Xapuri.

Rondônia (7 a 11 de setembro): Abuna, Jaci-Paraná, Porto Velho, Ariquemes, Jaru, Ouro Preto do Oeste, Ji-Paraná, Presidente Médici, Cacoal, Riozinho, Pimenta Bueno e Vilhena.

Mato Grosso (11 a 14 de setembro): Comodoro, Nova Lacerda, Pontes e Lacerda, Cáceres, Poconé, Várzea Grande, Cuiabá, Campo Verde, Chapada dos Guimarães, Jaciara, São Pedro da Cipa e Rondonópolis.

Mato Grosso do Sul (14 a 17 de setembro): Coxim, São Gabriel do Oeste, Campo Grande, Nova Alvorada, Rio Brilhante e Dourados.

com Lula, inclusive uma delegação do Partido Democrático de Esquerda, do Peru.

MIGRAÇÃO. Cerca de 14 mil brasileiros deixaram o país em busca de uma vida melhor no exterior, informaram em Brasília. E sabem onde é o exterior? A Bolívia! Já mandamos migrantes para a Bolívia. São seringueiros fugindo da violência dos fazendeiros da região e em busca de seringais para trabalharem. Nesta cidade, também houve uma delegação estrangeira para receber Lula. No caso, boliviana.

A economia em certas áreas de Brasiléia é ainda à base de troca, o "escambo". Um seringueiro que queira um quilo de café tem que dar 8 quilos de borracha, que gasta 12 horas para produzir, em troca. Uma calça pode ser trocada por 40 kg de boracha.

Em Xapuri, terra de Chico Mendes, a caravana visitou uma usina de beneficiamento de castanhas onde trabalham 60 pessoas com carteira assinada e que fatura 250 mil dólares por ano em exportação para os Estados Unidos. Ela funciona em regime de cooperativa dos seringueiros, que numa época do ano tornam-se castanheiros. Em Senador Guimard, a marca do desper-

dício, no modelo de "desenvolvimento" da Amazônia proposto pelas elites: uma usina de álcool, que teve um financiamento de 35 milhões de dólares do Banco do Brasil, desmatou 5 mil hectares, plantou 4 mil de cana, funcionou 15 dias e o proprietário foi embora para São Paulo, levando boa parte do dinheiro do financiamento.

RONDÔNIA. Em Ariquemes, a caravana reuniu-se com garimpeiros de cassiterita, em Nova Califórnia visitou uma experiência de reflorestamento feita por colonos gaúchos, que plantam, além da castanha, duas frutas tropicais nativas: o cupuaçu e a pupunha. A grande reclamação nos dois municípios é a falta de energia elétrica, que é insuficiente. Em Jaci-Paraná e na já mato-grossense Comodoro, Lula conversou com índios Cinta Larga e Nhambiquara.

Uma reclamação constante em Rondônia é quanto ao tráfico de drogas, que vem seduzindo muitos trabalhadores desempregados e sem perspectivas.

Em Mato Grosso, a caravana visitou a Chapada dos Guimarães e Lula participou, em Cuiabá, a convite do prefeito Dante de Oliveira (PDT), da instalação do Conselho Municipal do Meio Ambiente, antes de seguir rumo ao sul do estado e a Mato Grosso do Sul.

As maiores manifestações ocorridas durante a passagem da caravana foram no Acre: 3 mil pessoas em Xapuri e 3 mil em Brasiléia.

MOUZAR BENEDITO

COLABOROU PAULO ROBERTO FERREIRA, QUE ACOMPANHA A CARAVANA DE LULA

"Passa logo, Itamar"

A caravana agita por onde passa, mas a grande imprensa não tem olhos pra ver.

Brasil pra Frente, e Lula presidente". Foi com essa rima, que soa um pouco aos anos 70, que o animador do América Clube no Garimpo de Bom Futuro, em Rondônia recebeu a segunda Caravana da Cidadania para uma espécie de Ato-Debate.

O público era formado de quase mil garimpeiros com suas famílias, uma boa parcela da população desse miserável acampamento de trabalhadores desprovidos de serviços públicos, que algum gozador batizou de Bom Futuro. Basicamente, gente pobre da periferia de diferentes cidades brasileiras que veio ali em busca de sustento. E como a maioria dos brasileiros hoje, angustiada com o futuro.

Lula falou, ouviu e falou de novo. Terminou ovacionado por um público que, como em outras ocasiões, nem sempre era muito "petista".

E se alguma coisa essa caravana mostra, é que muita gente, e gente muito diferente, busca em Lula uma saída e uma esperança. Desde indivíduos que trazem o seu problema, até grupos comunitários, associações científicas, sindicais ou religiosas, que trazem sugestões e propostas, todos querendo uma oportunidade de falar com este cidadão que oficialmente não é candidato, ainda, mas que lidera há vários meses as pesquisas. Isso mesmo num lugarejo perdido na selva, onde jamais houve qualquer pesquisa. Trata-se de um fenômeno social, não de um produto da mídia.

É O JEITO. Assim, nesse garimpo compareceu o sr. Paulo Amâncio, prefeito da vizinha Monte Negro, eleito pelo PDS. Dono de uma pulseira de ouro digna do rei Salomão, ele é proprietário de uma pequena

mineradora, numa região dominada por uma das maiores mineradoras do país, a Parapanema, com ligações internacionais. O prefeito tinha motivos para tomar o microfone e falar "contra o monopólio no garimpo, para dar direito a todos de trabalhar, para o homem não ter que competir com a máquina".

Para os membros da caravana, ele fez questão de se explicar: "Não tem mais jeito, o Lula está no 2º turno, então eu vim conversar".

Em vários outros lugares foi isso também que apareceu. Afinal, como está não pode ficar, a situação do país é angustiante, e a maioria do povo não tem a mesma condição que o "board" do FMI para aconselhar o governo atual e seus ministros. Para muitos, Lula na Presidência representa uma saída positiva. Para outros, no mínimo vale uma

"conversa". Se não, que outro jeito para mudar o país? De onde esperar algum benefício?

Por exemplo, a caravana visitou o "Projeto Reça", em Nova Califórnia, no sul do Acre. Trata-se uma reconhecida experiência de exploração racional de recursos da floresta amazônica, como o cupuaçu e a pupunha. Sérgio Roberto Lopes, um agricultor paranaense que lidera a comunidade, funcionou como "guia" da caravana, explicando os avanços e as dificuldades do projeto. Orgulhoso de seu trabalho, ele não deixava uma pergunta sem resposta para as câmaras da TVT, que gravavam tudo. Até que Lula precisou questioná-lo duas vezes sobre um tema simples: "E se viesse um presidente da República aqui, o que você lhe diria?"

Sérgio pensou um pouquinho para responder com con-

vicção: "Passa logo, Itamar!"

É claro que a grande imprensa não viu nada disso, ocupadíssima com episódios reais ou imaginários, monitorados por repórteres de três dos principais jornais do país que nos seguiam. Mas a caravana viu e, se não nos impedirem, vamos mostrá-lo ao país na TV.

MARKUS SOKOL

ACOMPANHOU A CARAVANA DE LULA



AS LIÇÕES CHILENAS QUE NENHUM DE NÓS PODE ESQUECER

Joan Garcés estava no Palácio de la Moneda junto com o presidente Salvador Allende nas suas últimas horas de vida. Garcés recebeu do presidente ordem para fugir para que alguém do círculo do poder pudesse descrever e analisar aqueles anos de governo popular.

ALLENDE E AS ARMAS DA POLÍTICA

Uma obra que deve ser lida e refletida com particular atenção pelos brasileiros que aceitam os desafios e os riscos das grandes mudanças.

PROMOÇÃO

Preencha em letra de forma. Envie cheque nominal e cruzado à Editora Página Aberta Ltda. Rua Dona Germaine Burchard, 286 — Perdizes — São Paulo — SP — cep 05002-061 — Fone: (011) 262-1155

Nome:

Endereço:

Cidade: UF:

Quantidade:

Promoção válida até 31 de outubro.

Preço: CR\$ 3.820,00

com 30% de desconto

CR\$ 2.674,00

336 páginas,

com gráficos e tabelas

SCRITTA
EDITORIAL

ÁFRICA DO SUL. A violência política e tribal está crescendo com a marcação das eleições para 27 de abril de 1994. Desde julho, mais de 600 pessoas já foram mortas (são mais de dez mil desde 1990). O partido Inkhata da tribo zulu e grupos racistas brancos abandonaram as negociações. Mas o Congresso Nacional Africano (CNA) de Nelson Mandela, o governo de minoria branca dirigido pelo presidente De Klerk e 16 outros grupos políticos já acertaram a formação de um Conselho Executivo Transitório que supervisionará a ação do governo até as eleições. Eles discutem uma proposta de constituição que regulará o governo eleito - tudo renunciando uma coligação entre o CNA e o Partido Nacional, hoje no governo.

CHILE. Vinte anos depois do golpe que derrubou Allende, o Chile ainda não acertou contas com seu passado e a punição dos militares violadores dos direitos humanos é um tema central da luta política. O americano Michael Towney, envolvido em vários assassinatos políticos, confirmou em entrevista à televisão chilena o envolvimento de generais nos crimes. A frieza com que Towney comentou esses assassinatos teve grande repercussão. Há uma indignação geral com a impunidade geral dos militares. E o general Pinochet, que segue na chefia do Exército, continua chamando seus opositores de bandidos.

SOMÁLIA. As tropas da ONU já mataram mais de 120 civis somalis, entre eles um grande número de mulheres e crianças. A ONU diz que reagiu ao ataque de seguidores de Mohamed Aidid, que teriam usado escudos humanos. O ministro da Defesa da Itália, Fabio Fabbri, critica duramente a intervenção à "John Wayne" dos comandantes dos EUA e diz: "Disparar contra mulheres e crianças é a antítese de uma ação humanitária. O que precisamos é reabrir o diálogo para alcançar a paz". Os "rangers" dos EUA já atacaram por engano até prédios da ONU.



Rabin e Arafat, velhos grandes inimigos, dão-se as mãos

Vitória ou derrota? De quem?

A paz se faz com os inimigos, e não com os amigos." A frase, do primeiro-ministro israelense Itzhak Rabin, é de um realismo - e uma amargura - impressionante. E serve como palavra de ordem para o início do processo de paz entre os dois grandes inimigos do Oriente Médio: Israel e a Organização pela Libertação da Palestina, a OLP de Yasser Arafat. Esses velhos grandes inimigos terão sob suas costas a necessidade de darem-se as mãos para garantir a seqüência do processo de paz. Seus adversários são a direita israelense, que gostava do militar linha-dura Rabin, e os fundamentalistas muçulmanos, que nunca prescindiram da figura carismática de Arafat. Agora, ninguém é mais parecido ao palestino Arafat do que o israelense Rabin. Eles terão que unir-se para derrotar os "primos" (ursos, é claro) de cada um.

Mas quem ganhou e quem perdeu com o acordo? Olhando superobjetivamente, a OLP

Rabin perde apoio dos sionistas radicais e Arafat ganha um favelão

perdeu. Teve que aceitar um plano de autonomia bem pior que aquele que rejeitara em 1979, quando Israel e Egito selaram a paz. A OLP ganhou a Faixa de Gaza e Jericó, um pezinho na Cisjordânia. Lá ela poderá exercer uma ampla autonomia, excetuando-se relações exteriores e defesa externa. No restante da Cisjordânia, a OLP terá autonomia limitada a campos como educação e saúde. E o status definitivo do restante dos territórios será definido no máximo em cinco anos. Quer dizer, a OLP administrará Gaza - um imenso favelão com incontáveis problemas sociais, feudo dos integristas muçulmanos da Hamas, que querem ver a

cabeça de Arafat espetada numa cimitarra. Não será surpresa ver ex-guerrilheiros da OLP substituindo o Exército israelense nas cacetadas aos irrequietos fundamentalistas. Pior para a OLP, a situação de Jerusalém oriental (sua capital, em teoria), também ocupada por Israel desde 1967, não será discutida quase até o fim do século. Israel continua não admitindo devolver a Jerusalém "árabe".

Também olhando objetivamente, Israel ganhou. Livrou-se de Gaza, ganhou tempo para respirar e escapou da situação de "radical intransigente", que ostentava há décadas no cenário internacional. Para completar, o mundo árabe está agora mais dividido do que nunca, e a paz com a OLP abriu espaço para a paz com a grande ameaça militar para Israel: a Síria.

SONHO E PRAGMATISMO. O problema é que, no Oriente Médio, nada pode ser visto apenas com objetividade. Arafat perdeu, não é? (Tal-

vez termine perdendo até a cabeça). Mas ele conseguiu fincar um pé nos territórios ocupados. E usou uma velha tática dos judeus, em sua luta por um Estado independente. Apanhou o que deu. O resto, discute-se depois. O sonho do Estado palestino está mais próximo do que nunca. Arafat também venceu por escapar do insuportável isolamento que o cercava. A paz deverá abrir novas fontes de apoio financeiro à OLP e dar melhores condições para que a turma de Arafat ganhe a luta contra o fundamentalismo religioso, pelos corações e mentes dos palestinos. Mais importante, Arafat sintonizou-se com a maioria de seus camaradas que vivem nos territórios. Para quem vive fora, no exílio, falar em "lutar até a vitória" é fácil. Para quem sofre na carne o assassinato de seus filhos...

E quanto à vitória de Israel? O aperto de mão entre Rabin e Arafat cravou uma estaca no país, dividindo-o como nunca entre os que querem a paz e os que querem a guerra. Foi a ruptura, talvez definitiva, do "consenso sionista", a unidade de Israel acima de tudo, contra seus inimigos. Coisa dolorosa para Rabin. Mas o fato é que, nos últimos anos, não fossem as centenas de milhares de judeus soviéticos que emigraram para Israel, o Estado judeu estaria perdendo cidadãos. Milhares de especialistas, jovens, a nata da sociedade, não aceitam mais três anos de serviço militar, a morte olhando nos olhos de cada criança palestina. O fim do consenso sionista deve ter sido muito doloroso para Rabin. Mas absolutamente necessário do ponto de vista da paz. Agora, serão palestinos - e não judeus - os maiores aliados do primeiro-ministro na condução do processo. É a primeira vez em meio século de conflito que se forma um bloco árabe/israelense para garantir a paz. Essa foi a grande vitória. Para todos.

MÁRCIO KUHN

LULA 94

Estamos entrando no clima das eleições de 94. Teremos a oportunidade de elegermos **LULA PRESIDENTE DO BRASIL**. Será preciso muita luta e participação de todos os militantes do **PT**. Para ajudar seu grupo a não ficar de fora o **B-A,BA** lança seus primeiros materiais de divulgação da Campanha **LULA 94**

B-A,BA AUDIOVISUAL
C. Postal. 011-145
Vitória ES
Cep. 29 001-970
Tel. 027-222 8479

	1-Broche Camisa Plástico Cartaz Bone		2-Broche Camisa Plástico Bone		3-Broche Plástico		4-Broche		5-Broche		6-Broche		7-Broche		8-Broche		9-Broche		10-Broche
--	--	---	--	---	----------------------	---	----------	---	----------	--	----------	---	----------	---	----------	---	----------	---	-----------

Qtd	Material	N	CR\$ à Vista	Cheque 30 dias	Total
	Broches sortidos		7,00	9,00	
	Plástico p/ carro	1	20,00	26,00	
	Plástico p/ carro	2	20,00	26,00	
	Plástico p/ carro	3	25,00	30,00	
	Bone	1	220,00	286,00	
	Bone	2	220,00	286,00	
	Camisa	1	250,00	385,00	
	Camisa	2	250,00	385,00	
	Cartaz	1	20,00	26,00	
			TOTAL		

Nome _____
End. _____ Nº _____
Apt. _____ Bairro _____
Cidade _____ Est. _____
Cep. _____ Tel. _____
Contato _____

PAGAMENTO
*Cheque Nominal
B-A,BA AUDIOVISUAL

*Vale Postal

*Deposito Instantaneo
BRADESCO Vitória
Ag. 0485-5
Conta. 047 816-4
p/Anselmo L. Ventorim

Valido até 31/08

Acima de 10.000,00 Desconto de 15%

Salvador Allende Gossens era médico. Foi presidente do Centro de Estudantes de Medicina e depois vice-presidente da Federação de Estudantes do Chile (FECH). Participou da fundação do PS, em 1933.

Em 1937 foi eleito deputado; a partir de 1938, foi ministro da Saúde do governo Pedro Aguirre Cerda. Em 1945, 1953 e 1961 foi eleito sucessivamente senador.

Para transformar uma mentira em verdade, repita-a mil vezes. Assim é que a grande imprensa trata o Chile. Mesmo um jornalista progressista como Clóvis Rossi é capaz de escrever que "os 16 anos de ditadura que se sucederam ao golpe de 73, encerrados com a eleição de 1989, produziram 30 mil mortes, centenas de desaparecidos, milhares de prisioneiros políticos, um exílio doloroso. Mas produziram também a estabilização da economia, que a democracia consolidou". Segundo Roberto Muniz, do Estadão, "o Chile hoje é um sucesso econômico. Muitos já o consideram o primeiro país latino-americano a entrar no invejado clube dos 'desenvolvidos', ou seja, o Primeiro Mundo".

Naturalmente, a imprensa não divulga que 45% dos chilenos vivem em estado de pobreza, que os salários representam no Chile somente 6,16% do valor agregado, a maior taxa de exploração da força de trabalho no continente (no Brasil, para o mesmo período, o índice era de 20%). Nem se fala que o PIB per capita chileno caiu 22% entre 1981 e 1990.

Tampouco recebem destaque na imprensa brasileira notícias como a existência, no Chile, ainda hoje, de 21 presos políticos da ditadura pinochetiana. Nem se deu muito destaque ao fato de que o aniversário do golpe foi comemorado em meio a combates de rua contra as forças policiais, recordando a todos o fato de que o general Augusto Pinochet continua sendo o mais importante comandante militar chileno. Ou que o atual presidente "democraticamente eleito", Patricio Alwyn, foi um dos que conspiraram em favor do golpe tendo o desprazer de afirmar,



CHILE: 1973/1993

Quando o palácio não é de inverno

Há vinte anos, um golpe militar interrompia a "via chilena para o socialismo"

nos funerais de Allende, realizados em 1990, que "foi severopositor de seu governo e, se se repetissem as mesmas circunstâncias, voltaria a ser decidido opositor".

As "circunstâncias" a que se refere Alwyn são conhecidas: a existência de um governo de Unidade Popular, comandado por um presidente marxista, disposto a realizar a transição para o socialismo através de meios democráticos e constitucionais. Para realizar tal façanha, Salvador Allende



contava com três trunfos. Primeiro, a tradição democrática da sociedade chilena. Depois, o histórico desrespeito à Constituição por parte dos militares chilenos. E, principalmente, a existência de um sólido

movimento de esquerda, organizado em torno de dois grandes partidos, o Comunista e o Socialista.

Três anos depois, estes trunfos se esfumaram. A tradição democrática foi rompida por longos 16 anos. As Forças Armadas chilenas não apenas aderiram ao golpe como patrocinaram uma das ditaduras mais sangrentas da América Latina. E uma reunião do comitê político da Unidade Popular, ocorrida por volta das 11 horas do dia do

Antes de vencer as eleições de 1970, Salvador Allende já havia concorrido à Presidência da República em outras três ocasiões: pela Frente do Povo, em 1952, quando obteve apenas 50 mil votos; pela Frente de Ação Popular (FRAP), em 1958, quando conseguiu 28% dos votos, perdendo as eleições por pouco mais de 30 mil votos; e em 1964, novamente pela FRAP, quando obteve 39% dos votos contra 56% do candidato vencedor, Eduardo Frei.

ESTANTE

Existe uma bibliografia bastante extensa sobre a experiência chilena. Entre os lançamentos mais recentes estão: *Chile (1819-1990): da independência à redemocratização*, de Emir Sader, lançado pela Brasiliense; *Democracia e socialismo: a experiência chilena*, de Alberto Aggio, lançado pela Editora UNESP; *Allende e as armas da política*, de Joan Garcés, da Editora Scritta; *Duas estratégias no processo chileno*, de Rui Mauro Marini, a ser lançado brevemente pelos diretórios Regional e Municipal do PT-SP. Nas videolocadoras, há o excelente filme *Chove sobre Santiago*. **V.P.**

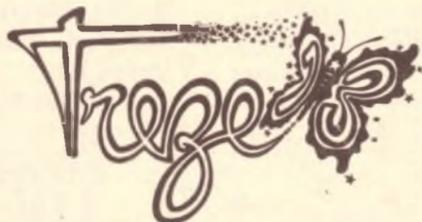
golpe, optou por não resistir a ele. Vinte anos depois, a esquerda chilena não tem um candidato forte às eleições presidenciais que irão ocorrer em dezembro de 1993.

Salvador Allende, eleito com 34% dos votos em 1970, e cujo governo recebeu o apoio de 44% dos eleitores nas eleições parlamentares de março de 1973, fez outra opção. Cercado no Palácio de La Moneda, bombardeado por tanques e aviões, Allende recusou a desmoralizante rendição e exílio. Capacete de mineiro na cabeça e fuzil nas mãos, Allende primeiro combateu e depois suicidou-se, cumprindo uma promessa reiterada várias vezes ao longo de seu governo: "Defenderei o governo popular porque é o mandato que o povo me entregou: não tenho outra alternativa; só à bala poderão me impedir de cumprir o programa do povo".

E foi o que eles fizeram.

VALTER POMAR

AGORA EM 13 ENDEREÇOS PARA MELHOR SERVI-LO



LOJA CDM - PT - SP

UMA LOJA PARA QUEM NÃO TEM MEDO DE SER FELIZ

Rua Pedro Taques, 70 - Consolação
São Paulo/SP 01415-010

Fone: (011) 37-6651 - Fax: (011) 258-5761

PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 30/09/93

Condições de pagamento à vista:
Acima de R\$ 4.000,00: 20% de desconto
Acima de R\$ 8.000,00: 25% de desconto
Acima de R\$ 20.000,00: 30% de desconto

QTDE. PRODUTOS	CR\$/UNID.	CR\$/TOTAL
Adesivo Estrela	20.000,00	
Adesivos Diversos	40.000,00	
Bonê (CUT, PT, Lula Brasil)	300.000,00	
Brinco Dourado Redondo	100.000,00	
Brinco Prateado Redondo	80.000,00	
Broche Dourado Estrela Red. (gde)	75.000,00	
Broche Fotográfico 13 anos PT	16.000,00	
Broche Fundação PT e CUT	65.000,00	
Broche Lula (4 modelos)	75.000,00	
Broche Lula com Estrela Dourada	80.000,00	
Caneta PT	55.000,00	
Caneta Lula	55.000,00	
Caneta CUT	55.000,00	
Caneta "Sem Medo de Ser Feliz"	60.000,00	
Chaveiro Couro	135.000,00	
Chaveiro Plástico PT, CUT	33.000,00	
Chaveiro Estrela PT	95.000,00	
Chaveiro PT ret.	120.000,00	
Estrela Alumínio	40.000,00	

QTDE. PRODUTOS	CR\$/UNID.	CR\$/TOTAL
Estrela Metal Cola (peq)	55.000,00	
Estrela Metal Solda (peq)	70.000,00	
Estrela Metal Solda (med)	70.000,00	
Estrela Metal Cola (gde)	60.000,00	
Estrela Metal Solda (gde)	80.000,00	
Broche Pingente PT	60.000,00	
Broche Bandeira PT Brasil e Lula	95.000,00	
Lapela Alfinete Red. (peq)	33.000,00	
Lapela Alfinete Ret. (peq)	35.000,00	
Lapela Alfinete Red. Dour. (med)	47.000,00	
Camiseta Hering Branca	300.000,00	
Camiseta Colorida M. Especial	600.000,00	
Camiseta Branca M. Especial	450.000,00	
Sub-total		
Desc. %		
Total		

Livro "DIÁRIO DE VIAGEM AO BRASIL ESQUECIDO. CARAVANA DA CIDADANIA" CR\$ 1.760,00 *

* VOCÊ GANHA GRÁTIS A CARTILHA "O QUE É O PT", OFERTA EXCLUSIVA DA LOJINHA 13

★ Loja CDE Azeit — Rua João Donato, 64 Rio Branco AC - 69909-340 Fone: 068 228-7313 (Mª do Socorro) ★ Loja CDM Salvador — Rua Rocha Galvão, 71 Salvador BA - 40040-420 Fone: 071 321-4737 (Lila) ★ Loja CDE Ceará — Av. da Universidade, 2.189 Fortaleza CE - 60020-181 Fone: 085 277-2565 (Gisele) ★ Loja CDE Mato Grosso do Sul — Rua Dom Aquino, 414 Campo Grande MS - 79008-070 Fone: 067 382-2335 (Cida) ★ Loja CDE Pernambuco — Rua Gal. Semeão, 52 Recife PE 50050-000 Fone: 081 221-1017 (Ângela) ★ Loja CDM Rio de Janeiro — Av. Presidente Vargas, 509 21º andar Rio de Janeiro RJ 20072-000 Fone: 021 507-1790 (Antônio de Freitas) ★ Loja COPTEL RS — Rua João Pessoa, 1415 Porto Alegre RS 90040-001 Fone: 051 221-6982 (Ana Paula) ★ Loja CDM Florianópolis — Rua Gerônimo Coelho, 383 Sala 906 Florianópolis SC 88010-030 (Mariane) ★ Loja CDE Santa Catarina — Rua dos Ilhéus, 43 Sala 103 Florianópolis SC 88010-560 Fone: 0482 24-1148 (Léo) ★ Loja CDM Blumenau — Rua XV de novembro, 952 Sala 11 Blumenau SC 890010-003 Fone: 0473 22-5406 (Roberta Imme) ★ Loja CUT Estadual SP — Rua Tamandaré, 667 Fundos São Paulo SP 01525-001 Fone: 011 270-8866 (Júlio ou Wagner) ★ Loja CDZ Pinheiros — Rua Capote Valente, 528 São Paulo SP Fone: 011 852-1039 (Daniel) — Aberta também aos sábados.

Velho Chile, Novo Chile

Bombas, carabineiros e cães comemoram a batalha de La Moneda e dão sustentação ao modelo criado pelos militares.

La Moneda amanheceu no sábado, dia 11, cercado por um denso aparato policial-militar. Dezenas de carabineiros armados com metralhadoras e portando coletes à prova de balas desciam aos borbotões dos micro-ônibus estacionados no local. Vários carros blindados espalhavam-se por toda a praça em frente e motoqueiros em duplas percorriam uma imensa barreira metálica vigiada metro a metro. Tendo como fundo um límpido céu azul, depois de uma semana nublada, dois helicópteros zuniam entre o palácio presidencial e o Cemitério Geral, distante 4 quilômetros, onde se encontra o túmulo de Salvador Allende. Aqui o aparato repressor não era menos espalhafatoso.

Santiago registraria a passagem dos vinte anos do golpe de 1973 com várias manifestações. A mais ostensiva delas seria na Escola Militar, onde o alto empresariado, político e personalidades de direita se confraternizariam com o general Pinochet que, nas palavras do líder conservador José Pinera, "salvou o Chile de se transformar numa segunda Cuba". O Partido Socialista conformou-se com um ato num teatro da capital e uma missa no Palácio de La Moneda oraria pelos mortos do "onze".

O governo da "concertación" (basicamente uma aliança PS-DC), atendendo a pressões militares, resolveu proibir manifestações públicas de protesto, procurando durante toda a semana intimidar as tentativas de desrespeito ao protocolo oficial.

AS PROVOCAÇÕES. Aproveitando a deixa, o general Pinochet procurou



Chile: novos tempos, velhos métodos

tripudiar sobre as vítimas da repressão, em várias aparições públicas. Num jantar do Rotary Club de Santiago, na noite do dia 6, o ex-ditador deu uma inusitada versão para a existência de cemitérios clandestinos de desaparecidos. Para ele, as covas foram construídas pelos próprios opositores, "que escondiam seus mortos e feridos sem deixar marca".

Era a senha para que seus cães de guarda detonassem as provocações assim que tivessem início as manifesta-

ções públicas convocadas pelo MIDA (Movimento de Esquerda Allendista Democrática) a despeito das proibições.

No cemitério, os primeiros tiros se fizeram ouvir às 14h30 em meio ao discurso da secretária geral do Partido Comunista, Gladys Marin. Justamente quando seu discurso falava "da luta sem descanso contra a ditadura", o cheiro de gás lacrimogênio se fez sentir, seguido por uma correria generalizada.

Sob os gritos de "serenidade", dois jovens foram baleados, um deles vindo a falecer. O discurso e o ato de mais de três mil pessoas não chegaram a terminar, pois uma perseguição brutal - até com uso de cães! - ocorreu entre os túmulos e lápides.

No La Moneda a situação era semelhante. Na batalha do começo da tarde valeu tudo, água, gás e tiros. Um aposentado foi atropelado e o saldo final do dia somava dois mortos e mais de quarenta feridos.

PAÍS À PARTE. Por que, quase quatro anos depois do fim da ditadura, as coisas seguem sendo assim no Chile?

Clodomiro Almeyda, histórico dirigente socialista, ex-chanceler de Allende, lembra que

apesar de tudo "as Forças Armadas ainda são um setor muito poderoso". Para ele, elas são quase "um outro país, com suas leis, tribunais, salários, hospitais etc.". Apesar de reiterar que Pinochet não manda mais no país, o velho combatente, ao ser perguntada sua opinião sobre o ex-ditador, alega uma série de razões para não responder.

No Chile, como no Brasil, as mudanças se fazem muito lentamente.

GILBERTO MARINGONI

Crescimento foi para poucos

A distribuição da renda e os direitos trabalhistas não indicam progresso no Chile

Punto Final é um dos poucos jornais que se vê nas bancas de jornais de Santiago que foge à regra do oba-oba do restante da imprensa local com o propalado "milagre chileno". É um tablóide quinzenal que chega a vender seis mil exemplares. É um número expressivo, se levarmos em conta que o centenário e reacionaríssimo *El Mercurio* tira 60 mil nos fins de semana. No último dia 7, seu diretor Hernán Soto concedeu uma extensa entrevista a Gilberto Maringoni na sede do jornal na capital chilena. Aqui vão seus principais trechos:

As taxas de crescimento da economia chilena têm se mantido altas há alguns anos. Como se dá este desenvolvimento?

Se você pega os indicadores macroeconômicos, os índices representam

um crescimento elevado, isto é um fato. Agora, se você observa desde uma perspectiva histórica, pode-se verificar que este crescimento se dá a partir de uma crise muito profunda que quase destruiu a economia chilena nos anos 83 e 84. Aí você percebe que uma parte desse crescimento corresponde a um movimento quase instintivo de se sair do abismo.

E como isto se reflete para o trabalhador?

É preciso juntar estes indicadores à vida das pessoas. E não existe um crescimento significativo nos setores de saúde e distribuição de renda há dez ou quinze anos, bem como nos direitos trabalhistas. Além disso, é discutível como um modelo de crescimento como este, tão orientado para as exportações e para

o comércio exterior, poderá enfrentar as turbulências da economia mundial. O Chile de hoje continua a exportar matérias-primas, basicamente frutas, minérios, farinha de pescado e madeira. E estes produtos têm seus preços fixados pelo mercado internacional.

Os defensores do modelo alegam que o Chile possui uma fatia muito determinada do mercado mundial, não tendo assim muitos competidores. Para eles, estas oscilações internacionais teriam que ser relativizadas.

Isto é verdade em parte. Mas mesmo que assim fosse, não haveria razão para que o Chile vendesse seus produtos quase que em seu estado natural, quase sem passar por um processo industrial. O cobre chileno, que representa uma fração importante da pro-

dução mundial, é exportado de forma concentrada ao invés de em lingotes. Com as frutas e a madeira ocorre o mesmo. Não é nossa idéia que o Chile exporte aviões supersônicos, mas podemos incorporar mais valor agregado aos nossos produtos.

O que se alega é que estas são as necessidades do mercado mundial.

Quando se diz "mercado mundial", é preciso pensar de qual mercado estamos falando. Será que não é possível buscar outros tipos de mercado além daqueles definidos pelos países de primeiro mundo? Será que não é possível buscar mercados regionais? Talvez uma produção orientada para eles possa ser muito importantes para países como o Chile, Brasil, Argentina, Colômbia etc.

G. M.

ASSINE
BRASIL
AGORA

PREENCHA EM LETRA DE FORMA. Envie cheque nominal e cruzado à EDITORA BRASIL AGORA LTDA.
Alameda Gleite, 1049 - Sta. Cecília - CEP 01215
São Paulo/SP - Fones (011) 220.7718/222.6318/222.4326/223.0959

NOME _____
ENDEREÇO _____
CIDADE _____
FONE _____ UF _____ CEP _____ PROFISSÃO _____
CARTÃO CRÉDITO: _____ VALIDADE: _____ Nº _____

CARTÕES: VISA, CREDICARD E AMERICAN EXPRESS

Assinatura 12 edições CR\$ 1.590,00
 Assinatura para o exterior (semestral US\$ 30,00)
 Assinatura 25 edições (anual) CR\$ 3.000,00
 Assinatura de apoio (anual) CR\$ 4.700,00

SE PREFERIR, ASSINE
PELO TELEFONE:
LIGUE GRÁTIS
0800-11.1300





Getúlio: golpista em 37, golpeado em 54



Jango olha o militar: pressentimento?



Collor: golpe com a Globo e eleitores ensandecidos

A LINHAGEM DO GOLPE

É difícil dizer quando e como começou. Muita gente e muitos manuais atribuem o primeiro golpe de nossa história independente a D. Pedro I, quando fechou a Assembleia Constituinte e baixou a Constituição por decreto. Mas ele estava na verdade tentando cumprir o acordo com a Inglaterra, que previa o fim do comércio de escravos pelo Atlântico. Havia, é claro, os exaltados, como se dizia na época, meio republicanos, meio abolicionistas. Mas não foram eles a causa do fechamento. Foram, no fundo, no bastidor, melhor dizendo, os que não queriam o cumprimento do acordo. Pelo menos daquela parte do acordo. Bem, a 7 de abril D. Pedro caiu, em 1831. As revoluções republicanas foram derrotadas, do Oiapoque ao Chuí. E o Brasil ficou constitucional e escravocrata até 1888. A última nação do mundo.

Na verdade o primeiro golpe, no sentido clássico do termo, deu-se em 1868. Em meio à guerra com o Paraguai, o Duque de Caxias é instado pelo imperador a assumir o comando do Exército brasileiro e da Tríplice Aliança, porque a coisa ia mal nas margens do Paraná. Ele aceita, mas exige carta branca, o que equivalia a: pedir a D. Pedro II que depusesse o gabinete liberal e propusesse um conservador, de quem o duque era simpático. O imperador cedeu. A história também, como se sabe. Vinte e um anos mais tarde o mesmo Exército o deporá, no golpe republicano.

O GOLPE-MOR. A Velha República foi um golpe por inteiro, até 1930, quando tivemos a revolução a meio. 37 e 45: novos golpes. Getúlio volta ao poder, e a UDN, que marcha à direita, começa a tramar o golpe. Há vários golpes no ar: em 54, Getúlio se suicida. É o contragolpe, e o golpe tropeça e cai. Daí vem Jacareacanga, Aragarças, o golpe constitucional para impedir a posse do filocomunista (oh tempora, oh golpes) Juscelino Kubitschek, o contragolpe do marechal Lott. Jânio toma posse, renuncia em nome do golpe, vai embora em nome do golpe, mas dão o golpe no golpe, e Jango não pode assumir. Mas assu-

*No meio do caminho
havia um golpe
Havia um golpe no meio
do caminho
Nunca me esquecerei desse
acontecimento
Na vida de minhas retinas
tão fatigadas*



Lula: alvo dos novos golpistas

me, na segunda meia-revolução de que o Brasil desfruta, em nome da legalidade (!). Daí vem o golpe, o golpe para acabar com todos os golpes, tão golpe que até mudou de data: de 1º de abril recuou para 31 de março. E era irreversível. Não durou mais do que quatro anos. Em 68, golpe no golpe: ato 5, e o escambau que se seguiu. Duas décadas mais tarde, o golpe eleitoral: a direita, a reação, a Globo, a imprensa reacionária, e alguns milhões de ensandecidos elegeram Fernando Collor. E agora desfrutamos de

grande jogo nacional: onde está PC?

Mas basta ler algum jornal conspicuamente grande: a culpa de tudo isso é da esquerda. A esquerda, golpeada nos porões das ditaduras, fez a cabeça de todo mundo. E nosso problema é a estatização, o fidelismo, o terceiro mundismo. Ah, ia esquecendo: o aumento do salário mínimo também.

OS NOVOS GOLPISTAS. Há herdeiros dessa tradição de golpes, sempre à direita. Olhando hoje vejo dois golpes em marcha. Ainda não estão em articulação. Estão na fase da linguagem. Quer dizer, estão se elaborando enquanto propostas. Mais ou menos como o Golbery em 61, fundando o IBAD - Instituto Brasileiro de Ação Democrática. Não acredito que emplaquem. Mas vão tentar.

O primeiro golpe é o dos saudosos. São os saudosos militares da reserva, saudosos dos bons tempos do general Médici, que se reúnem e dizem que com o Lula vai ser impossível e que é melhor então tramar desde já. Sozinhos são fracos, mas têm um aliado poderoso: os saudosos do Collor, essa malta meio indefinida do submundo que perdeu muito com a queda do marajá das Alagoas. Massacre daqui, massacre de lá, PM no Carandiru, PMs na Candelária e em Vidigal. Eu, hein? Aí tem fumaça. Ex-quadrilha.

O segundo golpe é institucional. As elites pensam e repensam como fazer para impedir que o Lula vá para lá. Há golpes um tanto canhestros, como esse de promover o voto duplo. Todo mundo vota em dois, com peso igual. Quem levar, leva. Jeito de passar o segundo para primeiro. Essa coisa vai como proposta gestada no Instituto de Estudos Avançados da USP para a Reforma Constitucional. Não vai pegar. Mas faz marola. Trabalha na direção de evitar o inevitável. É possível que tentem o golpe da inflação. Baixinha ali por abril (qualquer 15% nessa altura vai ser "baixa"), garantiria um passaporte de votação até outubro. Possível? Duvido. Mas tem sustentação na imprensa.

FLÁVIO AGUIAR

EXTRA: CHILE TEM ECONOMIA ESTÁVEL
DEPOIS DE 20 ANOS!

DESEMPREGO ESTÁVEL, MISÉRIA
ESTÁVEL, VIOLÊNCIA ESTÁVEL...



BRASIL
AGORA

